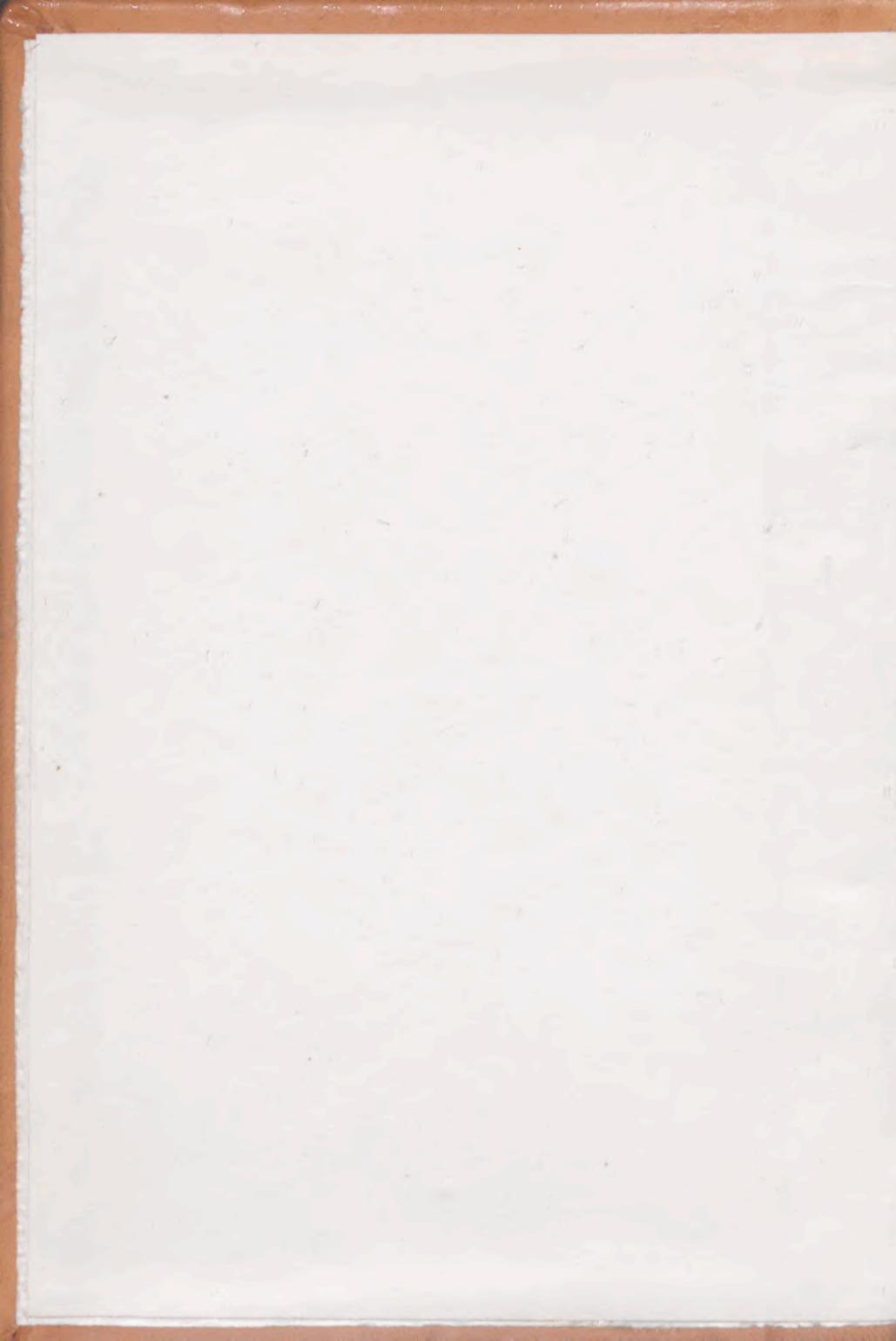


ARTHUR DE ESMERIZ

FOLHAS  
DO  
OUTONO



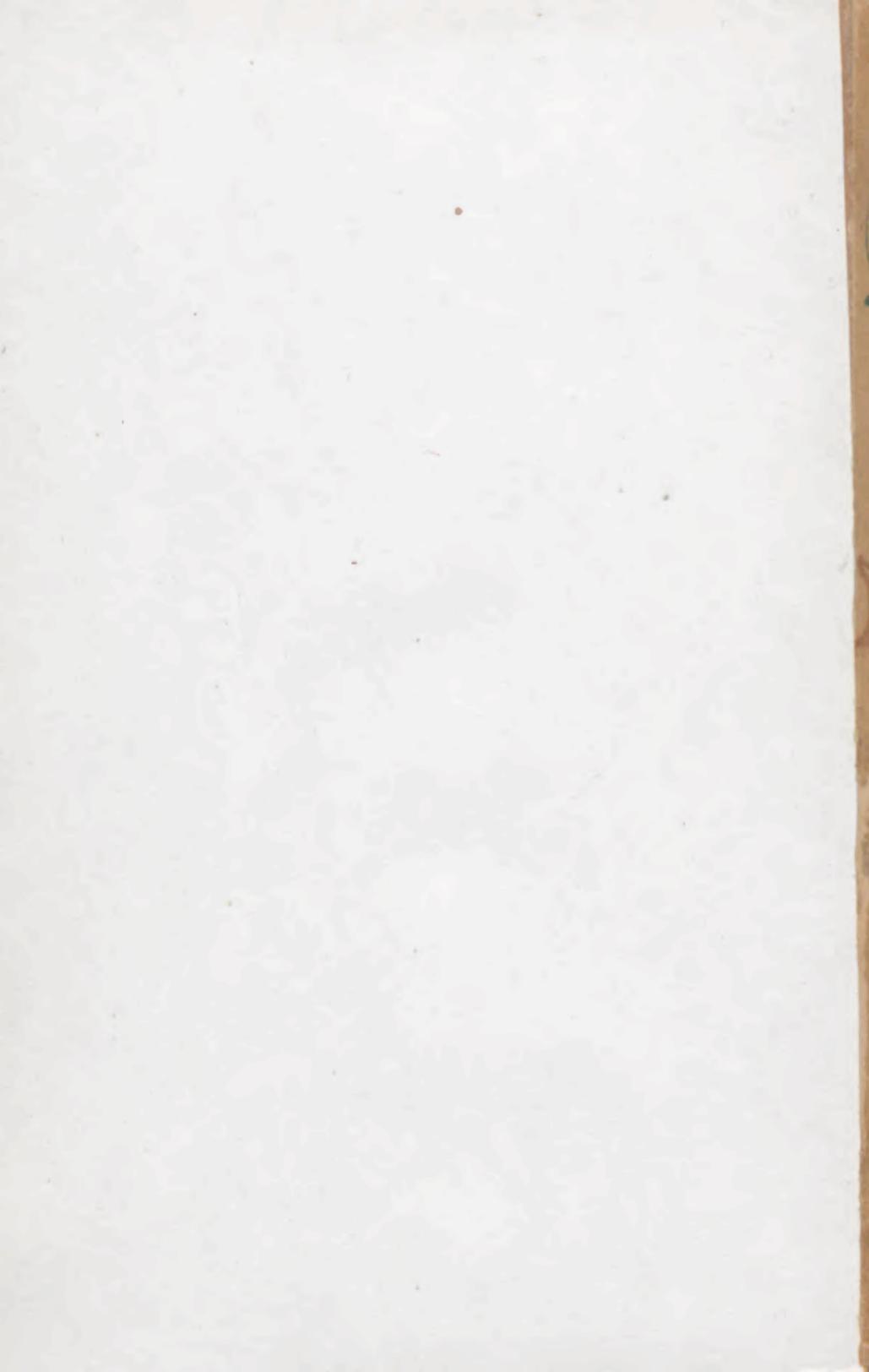
34.3-1Esmeriz,













ARTHUR DE ESMERIZ

---

# Folhas do Outono

—  
VERSOS



FAMALICÃO

TYPOGRAPHIA MINERVA — EDITORA

1902

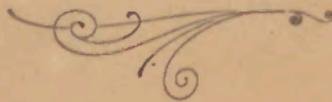




1579



Folhas do Outono



---

*Impresso em machina "Marinoni"*  
*na Typographia Minerva de Gaspar Pinto de Souza & Irmão,*  
*V. N. de Famalicão.*

C. M. B.  
BIBLIOTECA ARTHUR DE ESMERIZ

*livros*

*de*

# Folhas de Outono

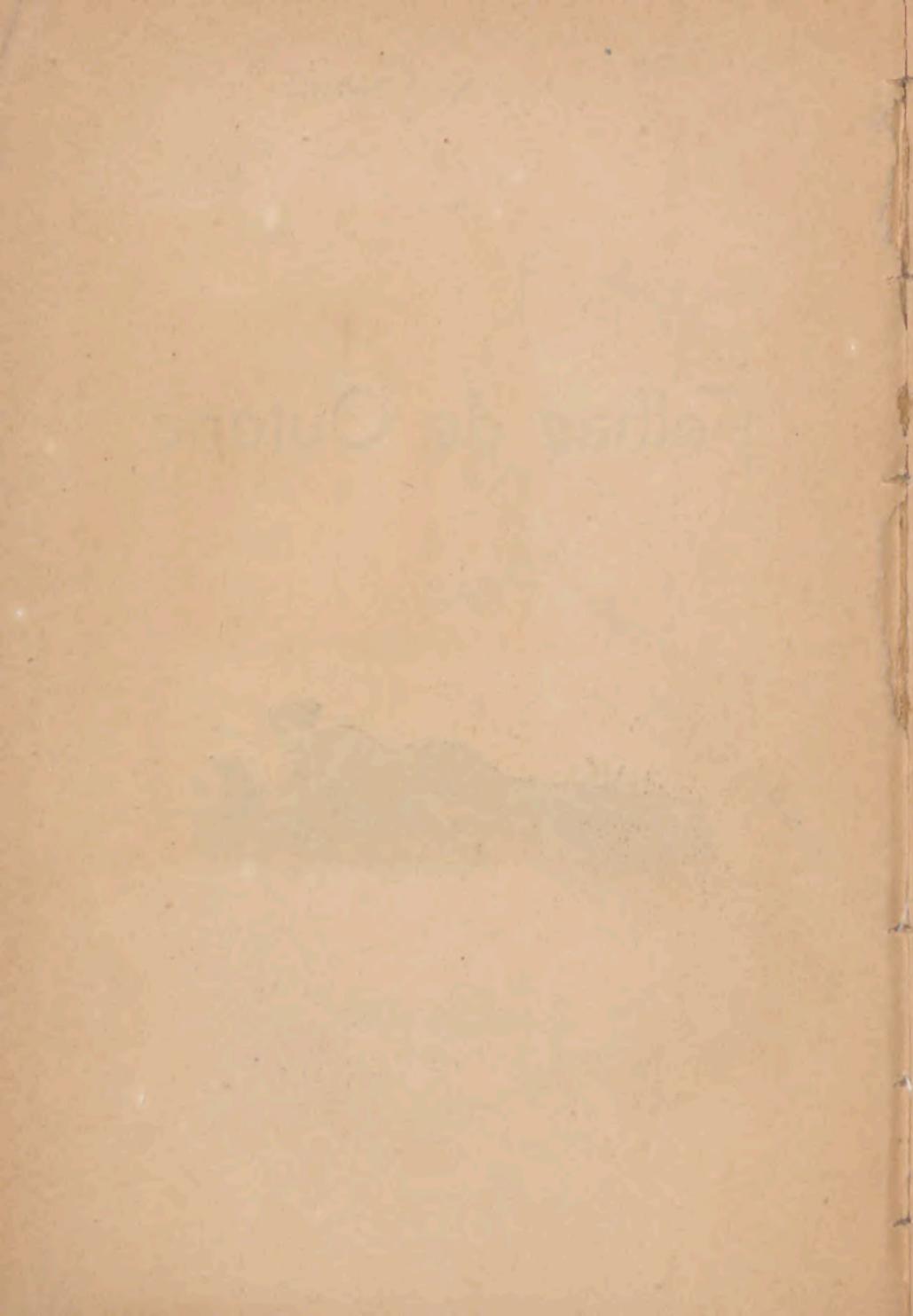
*de*

VERSOS



FAMALICÃO  
TYPOGRAPHIA MINERVA — EDITORA

1902





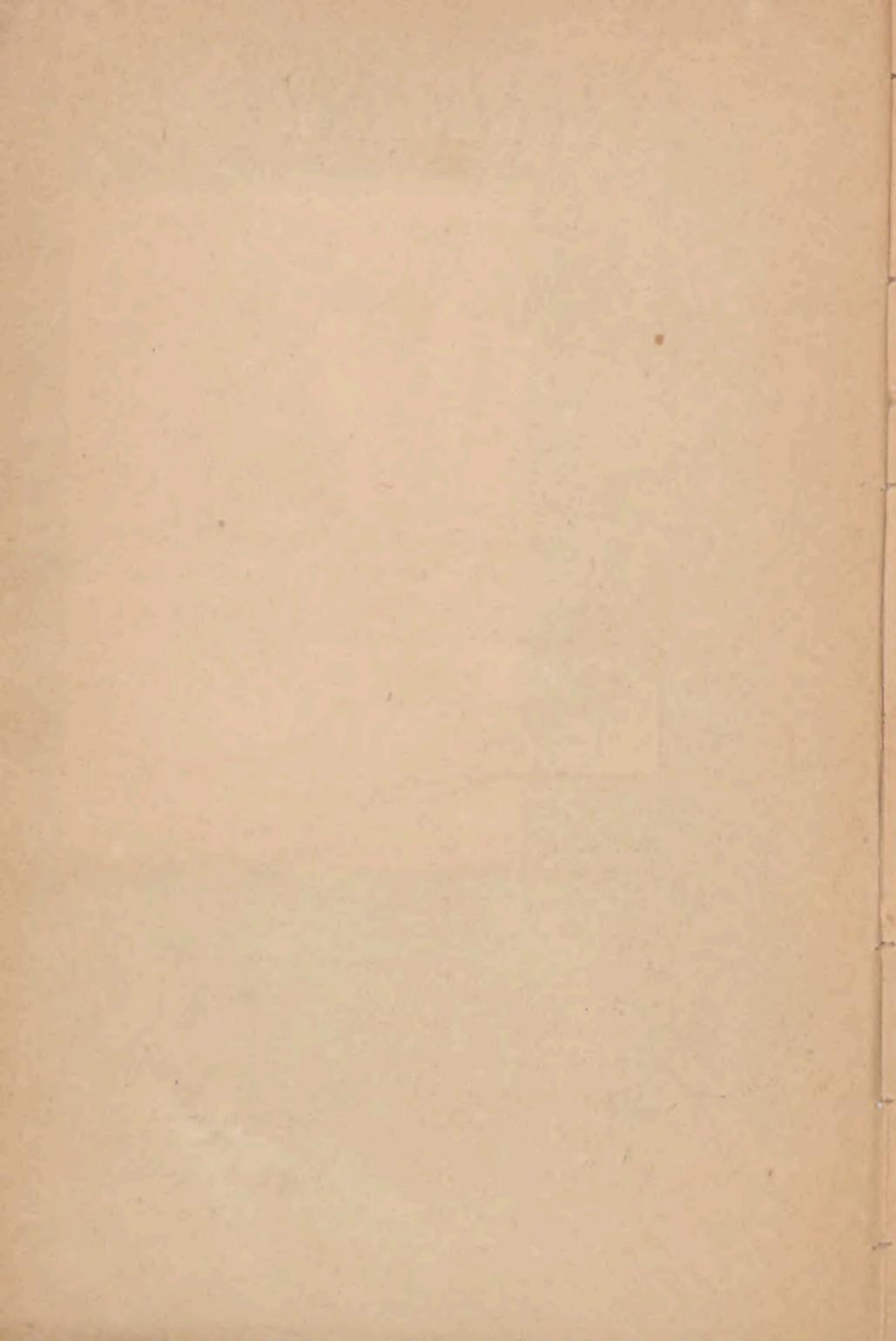
1579



C. M.  
BARCELOS  
BIBLIOTECA

No. 5790

Borahone  
Perm.





## Duas palavras

Convidado para escrever **trinta** quadras para um formosissimo «fudo» original, accedi gostosamente á honra do convite e, juntando algumas já compostas a muitas que escrevi de novo, pude reunir **setenta e cinco** que, em parte, não desmereceriam da belleza da musica a que eram destinadas.

A necessidade de imprimir este grande numero de quadras suggeriu-me a ideia de as publicar em livro; além d'isto, o desejo de satisfazer os muitos pedidos que tenho recebido de exemplares do meu «*Rabiscos e Verbenas*» desde que, pouco depois de sahir do prélo, se esgotou a primeira edição, mercê do lisongeiro acolhimento que os leitores e a critica se dignaram dispensar-lhe, egualmente avigorou aquella ideia, pois que, accrescentando ás quadras uma duzia das produ-

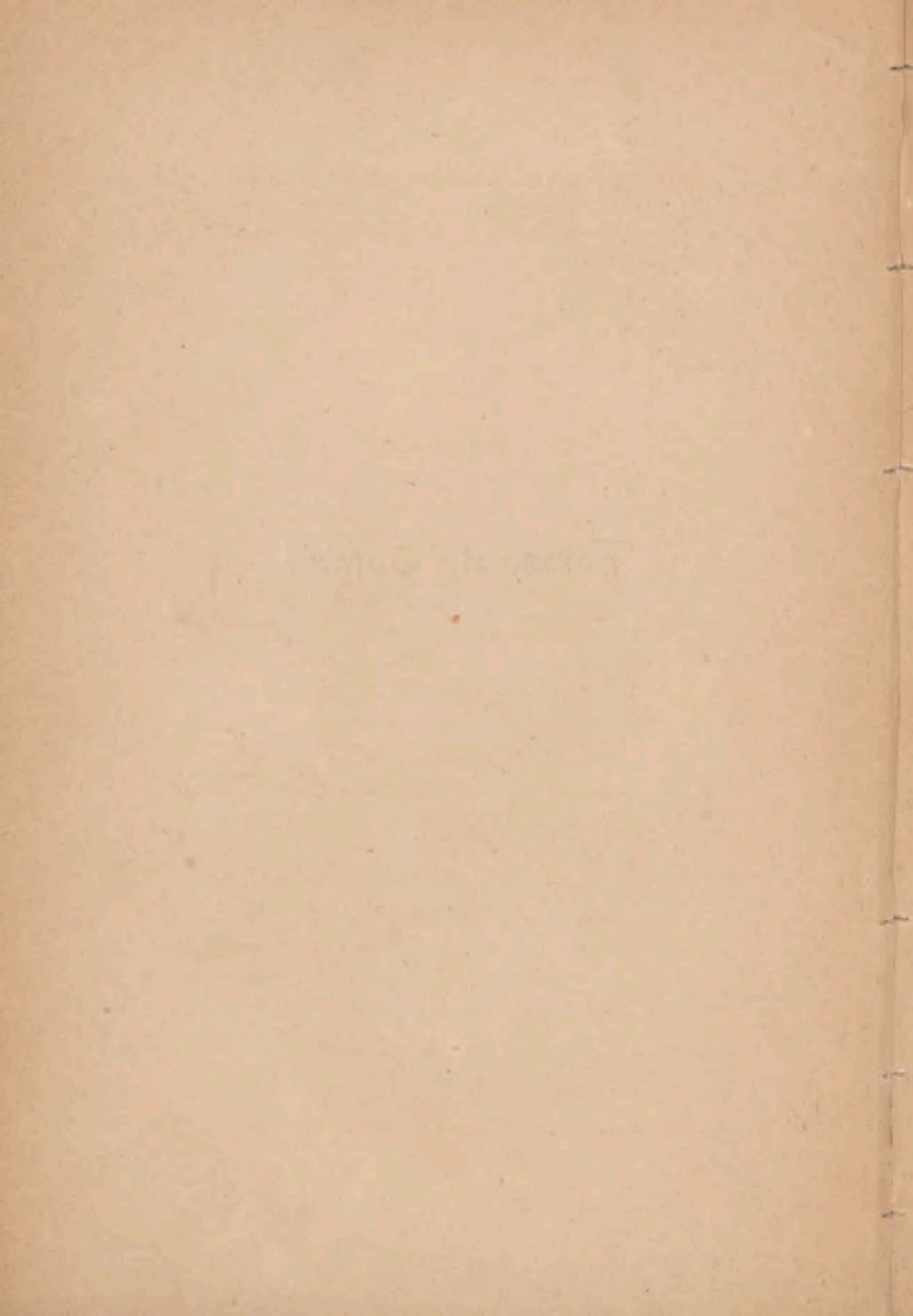
*ções enthesouradas no «Rabiscos» que não valeria ser reeditado, teria conseguido material para completar um pequeno volume.*

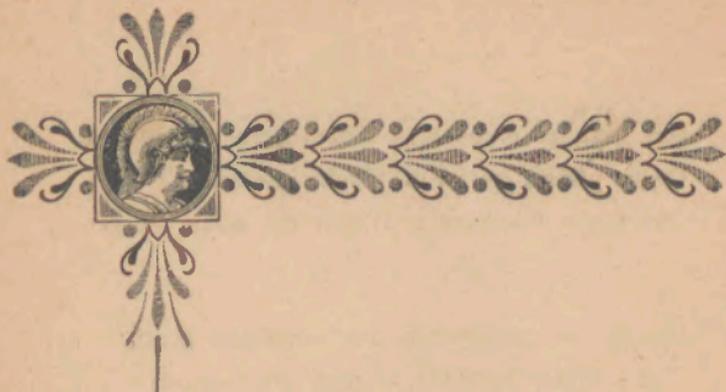
*Constará, pois, o presente livro de tres partes: na 1.<sup>a</sup> juntarei algumas poesias que jaziam no limbo da minha gaveta ou dispersas nas columnas de varios jornaes; formarão a 2.<sup>a</sup> as setenta e cinco quadras; e uns trechos do «Rabiscos e Verbenas» constituirão a 3.<sup>a</sup> parte.*

*E como este livro não vae com vista aos senhores criticos, que a tamanha distincção não tem jus, appellarei sómente para a bondade do leitor convencido de que nem todos os versos n'elle encerrados lhe desagradarão.*

Arthur de Esmeriz.

Folhas do Outono





## Aguarella

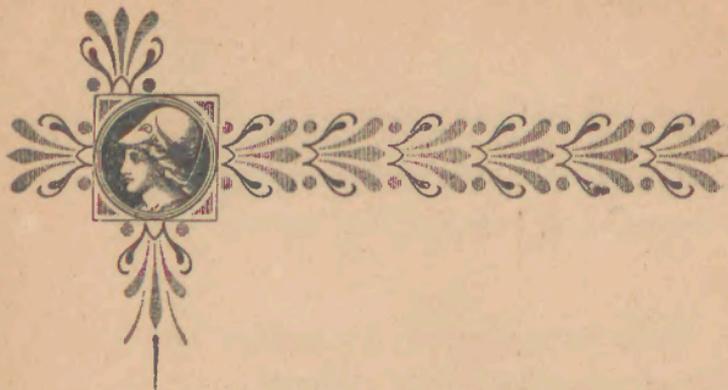
Que penna com verdade — ó minha doce amada! —  
Pudéra descrever-te as fôrmas primorosas,  
O talhe magestoso e as curvas graciosas,  
O collo d'alabastro, o pé e a mão de fada,

A fronte juvenil e a face incendiada  
No vivo rubor das petalas das rosas,  
A bocca pequenina e as perolas formosas  
Que brilham como o sol na rúbida alvorada?

Dos grandes olhos teus d'um negro de velludo,  
Quem pudéra narrar a tímida insistencia  
Que tigres fascinára e a mim me deixa mudo?

E a poder descrever-se um corpo tão gentil,  
Como lograr pintar-te a alma d'innocencia? . . .  
— Puro crystal d'um lago ou limpo céu d'anil! —





## Eterno amor

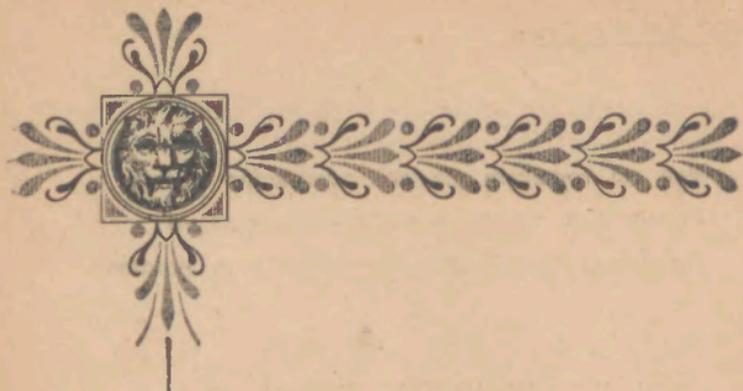
Quando fixo — mulher — teu corpo esculptural,  
Quando beijo o marfim das tuas mãos — princeza —,  
Fascina-me e seduz-me a singular belleza  
Que pôde em ti reunir a graça divinal.

E quando o teu olhar me toma sem defeza,  
Me cinge e me domina em magica espiral,  
Nas voltas de serpente, em teu olhar fatal,  
Eu sinto-me perdido e subjugada preza.

E invade-me, então, estranho sentimento,  
E abandono-me, enfim, sem vão lamento,  
Dobrado ao teu imperio o meu nenhum valor.

— Ata-me como a escravo, em auges de tortura,  
Ao carro triumphal da tua formosura . . .  
. . . No peito lacerado ainda acharás amor!





## Dia de finados

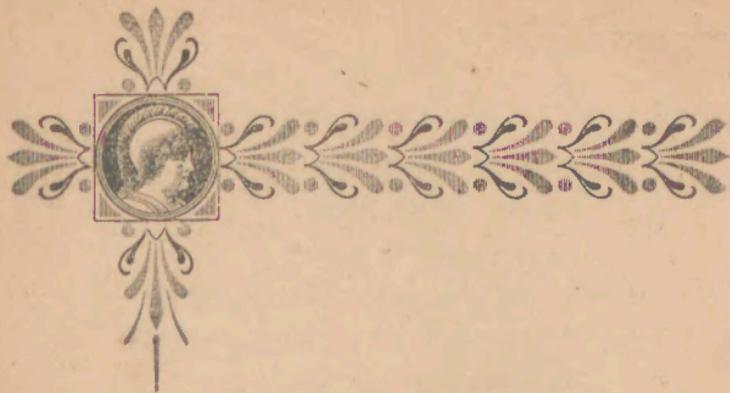
Adejam pelo espaço os dobres funerarios  
Dos bronzes a tanger nas velhas cathedraes  
A toada que chama ás sombras cyprestaes  
A bella procissão dos habitos lendarios.

Aonde vae lentamente aquella turba em ais  
A tristeza no rosto, o dó nos vestuarios?  
Por que chora abraçando os brancos cinerarios  
E cae ajoelhada em lousas sepuleraes?

Vae em romagem pia aos necroterios santos  
Prestar aos mortos seus feral consagração  
De flôres, de brandões, de beijos e de prantos!

.....  
Chorar sobre o teu seio, em jaspes modelados,  
— Sepulcro alabastrino onde é meu coração —  
Ó deixa-me tambem . . . que é dia dos finados!





## Scismando



Era na praia.

Ao longe, para as bandas poentinas,

O sol desmaia

Atrás d'um véu de rendas purpurinas...

.....

E o meu olhar

Perdido lá nas ondas d'esse mar

Tão largo e fundo

Que nem as tranças todas d'este mundo  
Possam, talvez, medir,  
Possam, talvez, sondar,  
Corria sem destino as glaucas plagas  
Como barca sem rumo sobre as vagas  
Ao sabor das tormentas;  
E ora fitava a curva graciosa  
Que marca o fim do mar  
E o fim do céu;  
Ora seguia a aza singular  
De lancha que singrava donairoza  
Á affronta do escarcéu;  
Ou o vôo irregular  
Do alcyão côr da espuma,  
Que toca as cristas do mar  
No seu contínuo girar  
Rompendo por entre a bruma  
Sem haurir um novo alento;

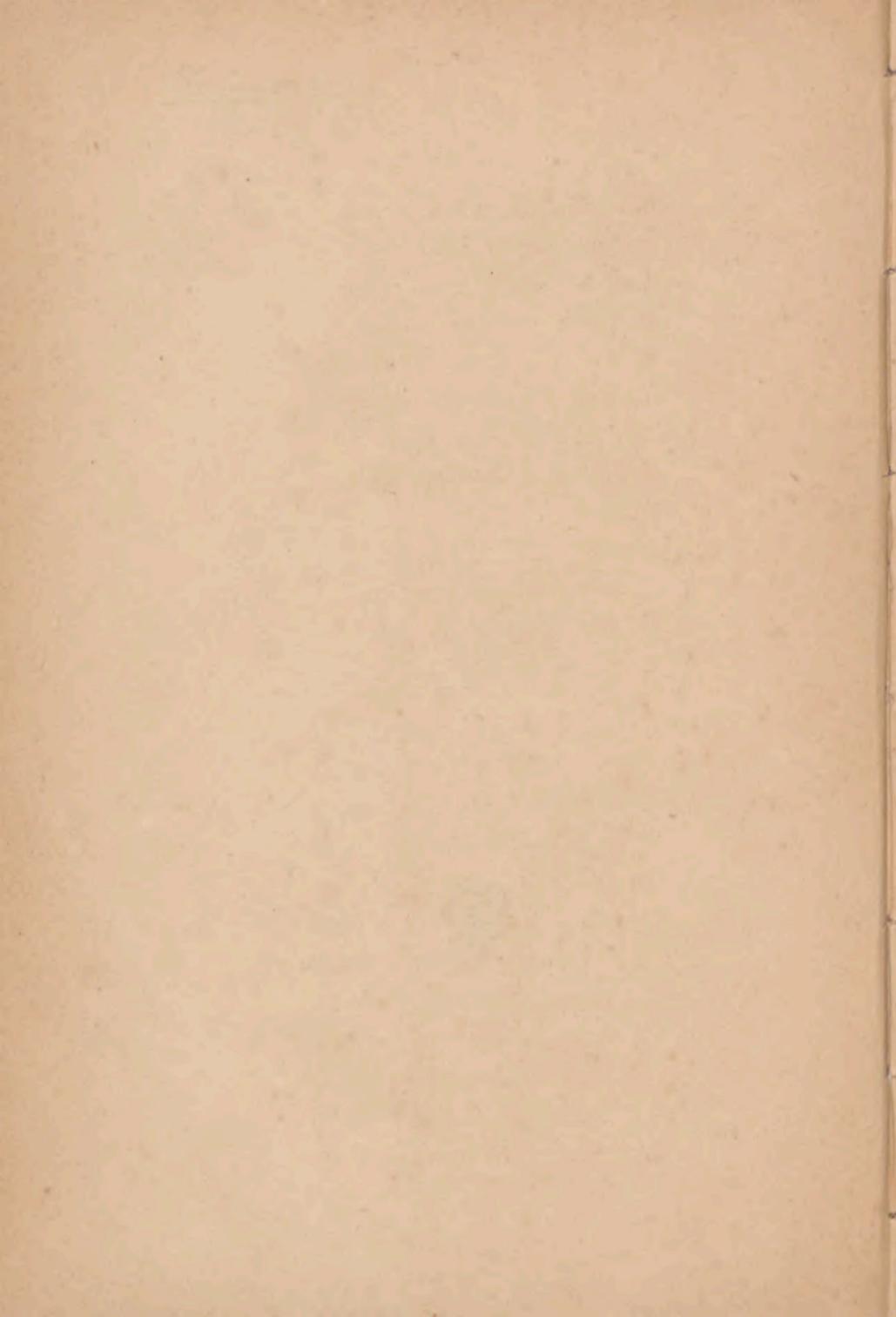
.....  
Como a lancha véla ao vento,  
Ou como o branco alcyão,  
Lá ia o meu pensamento,  
Correio do coração,  
De céu em céu,  
De mar em mar.

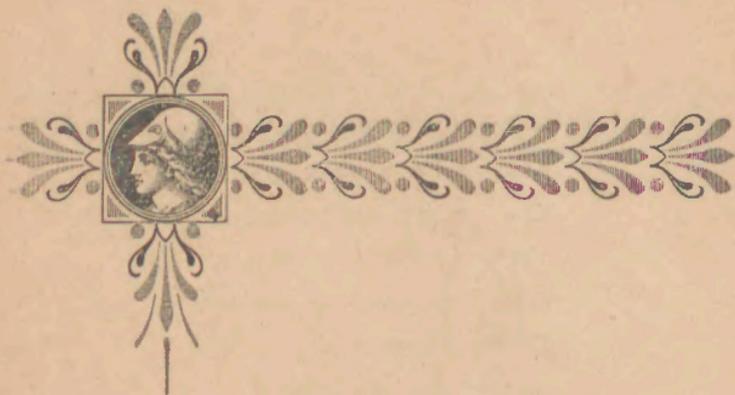
Em cata da minha Amada,  
Até ao rúbido véu  
Que a monção veio rasgar  
A gemer occultas maguas;  
E que, em tufão transformada,  
E que, tornada em açoite,  
Ao cair lento da noite  
Encapella as brandas aguas...

.....  
.....

E eu quedei-me a scismar,  
O olhar perdido no mar,  
E o mar perdido na noite...







Quinze quê?

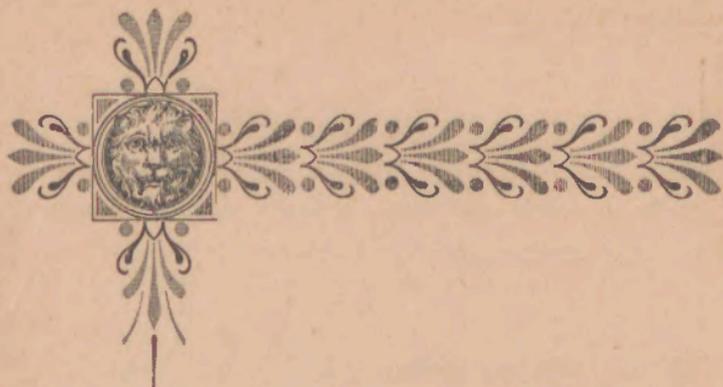
*(Nos 15 annos de minha irmã Maria)*

Quinze vestidos de rosas  
Que, Primaveras formosas,  
Dão ao jardim de Maria?  
Quinze mantos de boninas  
Que os prados e as campinas  
Ostentam com galhardia?

—Tanta flôr e tantas galas!—  
Não venha a neve queimal-as;  
Não venham tufões damnhinhos  
Tornar vestidos e mantos,  
Pelos invernos dos prantos,  
Tristes andrajos de espinhos!

27—1—99.





## Água na fervura

---

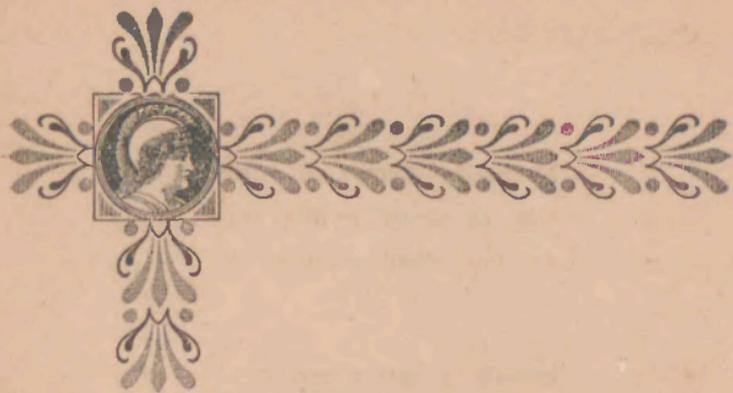
**D**emosthenes, ardendo em fogo de desejos  
Pelas graças de Lais, que a fama apregoava,  
Deu as costas ao sol que lá de longe o olhava  
E de Athenas partiu em busca dos seus beijos.

Deixou na santa paz os grossos alfarrábios  
E, tomando um bordão, caminha noite e dia,  
Sem se lembrar que prego a cortezã poria  
Ao jaspe do seu collo e ás rosas dos seus labios.

Chega a Corintho, e a grega e linda prostituta  
Dá-lhe a pedida audiencia e quando, enfim, o escuta,  
Por seus encantos quer meio milhar de escudos!

Rejeita o bom do sabio e cheio de alto *ferro*,  
Despeitado bradou, voltando aos seus estudos:  
—Não comprarei tão cara a contrição d'um erro!—





## Punhal hervado

---

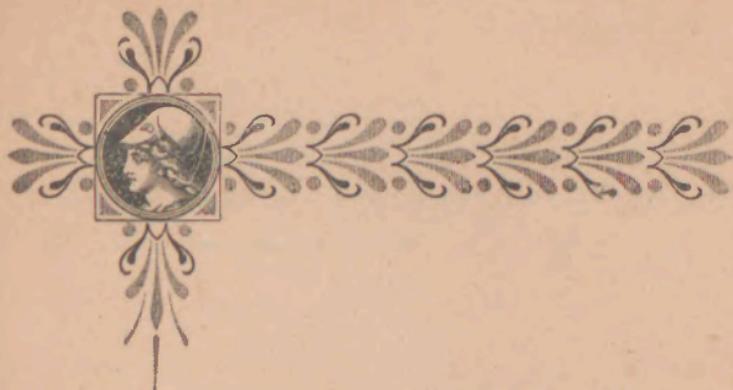
Quando o setineo punhal  
Do teu olhar feiticeiro,  
No meu coração, certo  
Vibrou um golpe mortal,

E o golpe duro e fatal  
O varou d'amor primeiro  
Que tornou em derradeiro  
Por meu fado e por meu mal;

Morrendo d'amor, o triste  
Que se rende e não resiste  
Ao teu olhar seductor,

Bem diz o golpe certo  
Do teu olhar feitiço  
E cáe morrendo d'amor.





Aos expedicionarios de  
Infanteria n.º 8

**B**ravos! — Ides marchar! — Se vos faltar o alento  
Lembrae as tradições do vosso regimento  
E lembrae os laureis do nome portuguez;

Ao toque dos clarins e aos silvos da metralha,  
Ao — S. Jorge e ávante! — o brado de batalha  
Orgulho sentireis nos peitos sem arnez.

Heis-de voltar á Patria; ao fogo dos abraços  
Da Mãe que vos estende os mal seguros braços  
Lá do canto do lar onde é sacerdotisa;

Onde após de estreitar a vossa frente ao peito  
Verte—benção de Mãe!—de pranto um mar desfeito  
E afasta-vos depois, enxuta a frente lisa,

Porque inda mais que Mães, as Mães são Portuguezas,  
E mandam-vos tentar façanhas e proezas,  
Uma lauda brilhante addir á lusa historia.

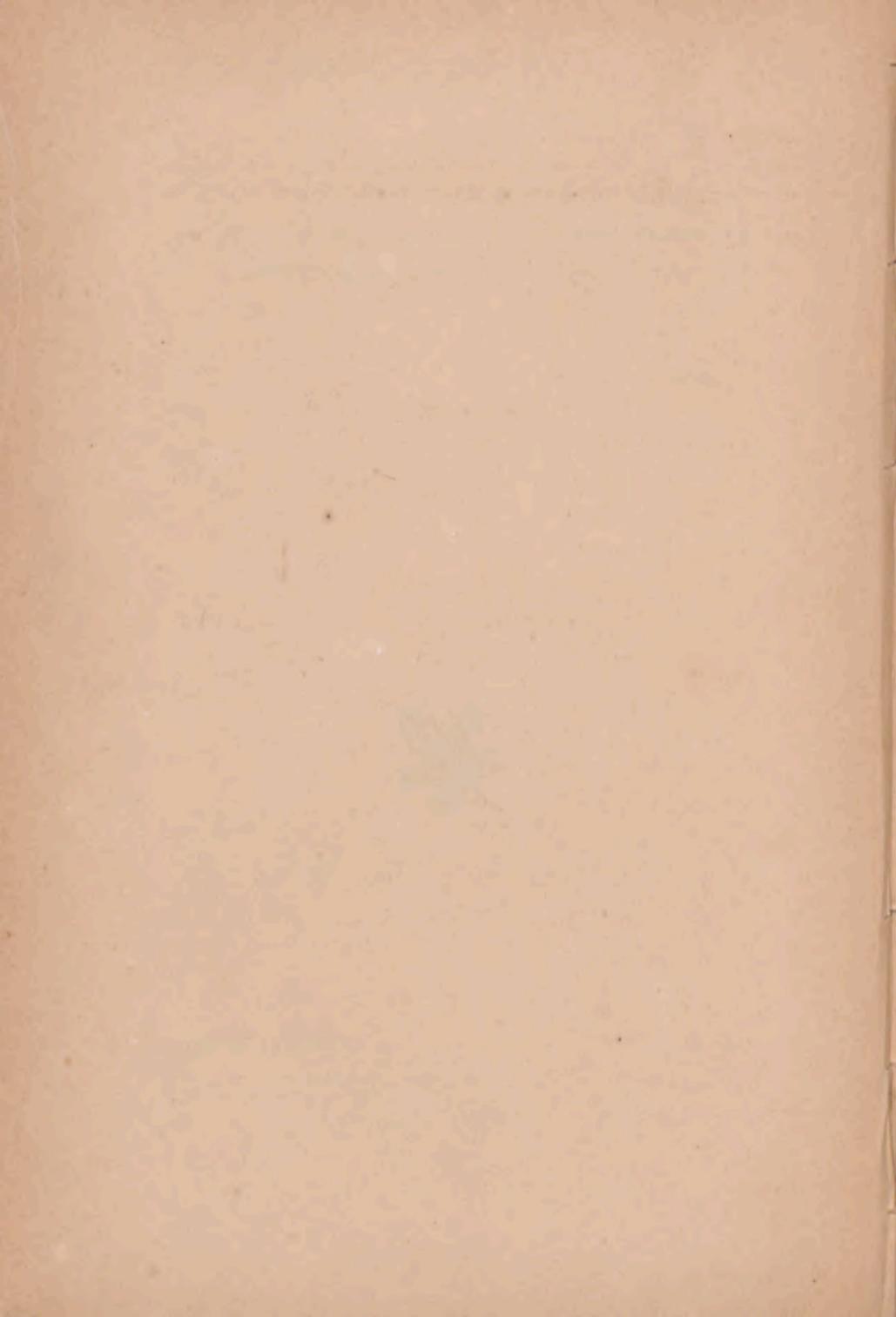
— Parti! Ide na senda aberta aos luctadores  
Levar esse estandarte aos sóes triumphadores,  
Vossas armas cobrir de nova e alta gloria! —

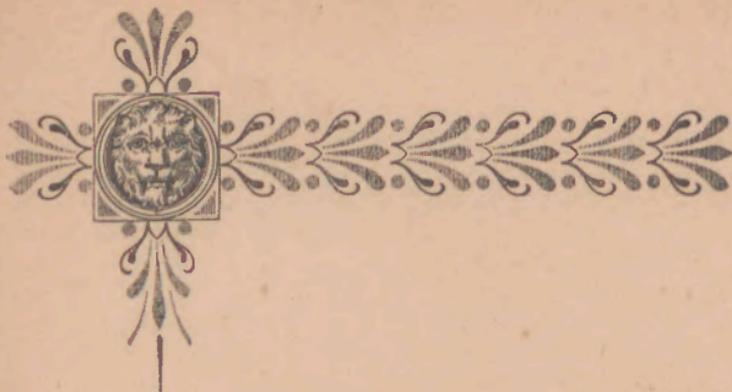
Heis-de voltar á Patria e ao circulo dos braços  
Que vos estendem Mães em ancias de abraços  
Lá do canto do lar humilde onde nascestes;

E a Patria o vosso nome em oiro ha-de inscrever  
No guião bi-color; e hão-de os vindouros lêr  
Mil feitos de valor no sangue que vertestes.

Setembro — 1900.

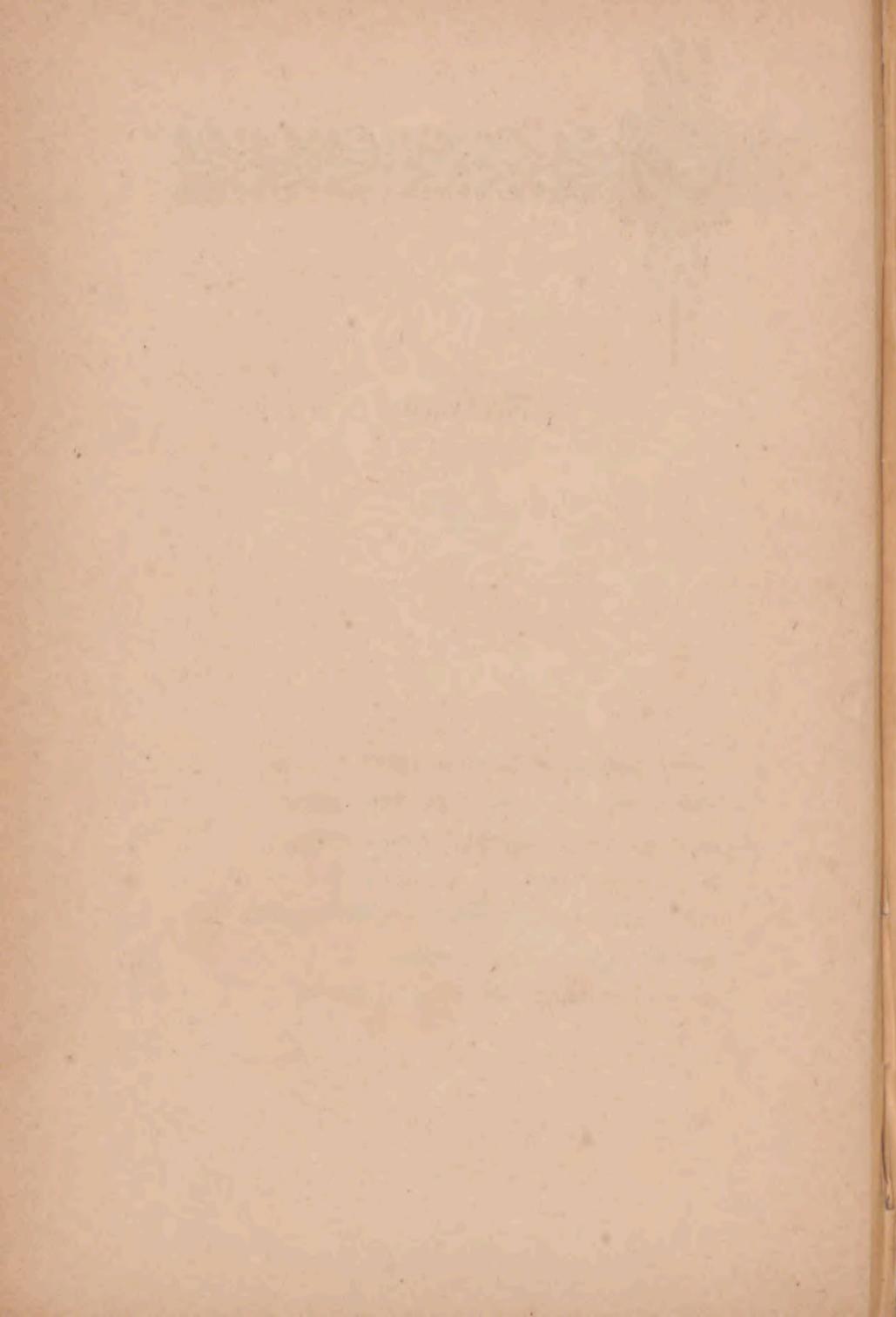


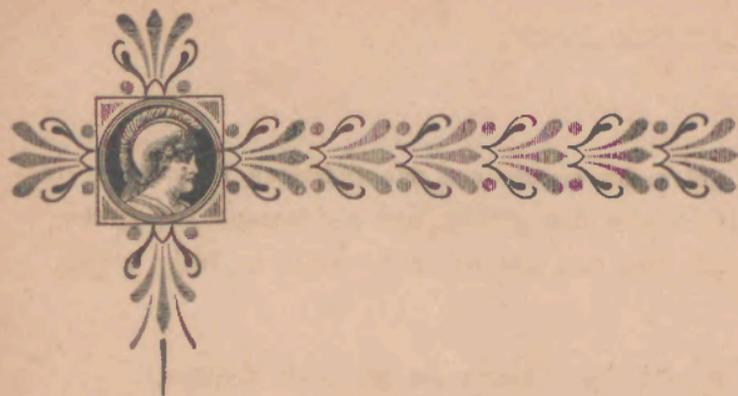




## Acrostico

Vccendeu-te nas faces o rubor  
Rosas mil do carmim de vivo pejo,  
Mais que doce roçar d'ardente beijo,  
V pura confissão do teu amor.  
Não côres, nem desmaies —minha amada—,  
Deves erguer o collo seductor  
V' só lembrança da afeição jurada.





## Amor e odio

---

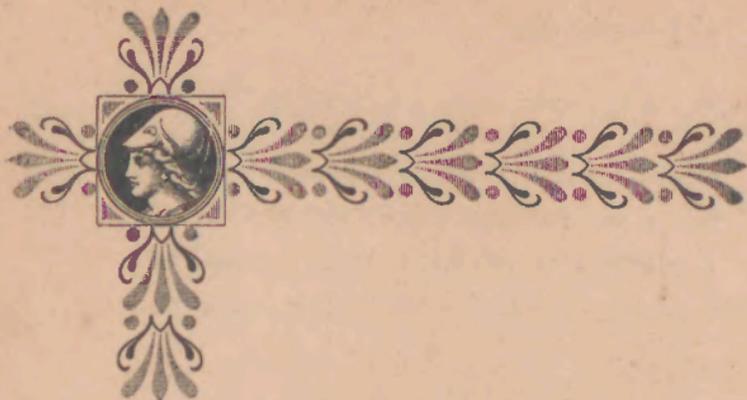
Não crês que um grande amor crescido de hora a hora  
Em dez annos sem fim de immenso agonisar,  
Medrado em pranto e dôr, se possa transformar,  
Cançado da agonia, em aversão agora?

Nem que a victima, crês, se atreva a protestar  
—Que a aima vae sem norte em mar de prantos fóra—  
Contra o gentil algoz que te fizeste, embora  
Tremenda punição do crime de te amar?

Foi muito confiar que não cedesse a impulsos  
O bronze dos grilhões que me lançaste aos pulsos  
Em élos taes que um preso ainda os beija e quer.

É quebrada a magia em teu olhar fagueiro,  
E é impotente, enfim, teu riso feiticeiro,  
— Pois eu que te adorava — odeio-te mulher! —





## Salvé

*(Ao Major Mousinho d'Albuquerque)*

... vive ainda nos Portuguezes  
aquelle fogo de verdadeiro va-  
lor, que por todas as idades os  
illustrou. Muito quebrantam ca-  
lamidades e infortunios geraes:  
mas o fogo coberto de cinza,  
dissimulado está, não apaga-  
do;...

L. II. C. XI. Vida de D. Fr.  
Bart. dos Mart. = *Fr. Luiz de  
Souza.*

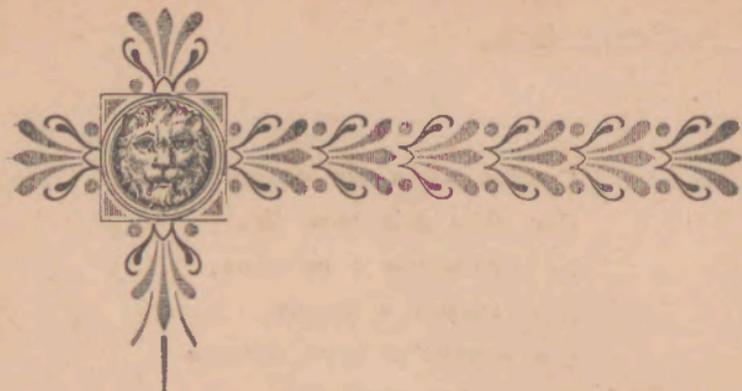
**N**o livro de ouro e bronze em que a gloriosa espada  
Dos inclitos heroes a historia havia escripto  
Do nobre Portugal, teu nome foi inscripto  
Com o teu proprio punho em folha assignalada.

Saúda, a velha Patria, o filho que é conscripto  
Sob a sua bandeira em grande feito honrada ;  
A multidão te entrega a palma conquistada  
E acclama o vencedor em delirante grito.

Ante o fulgente olhar de damas e princezas,  
El-Rei dá justo premio a um bravo portuguez  
E em teu peito viril medalhas deixa presas.

— «Mousinho d'Albuquerque! Heroe por tua vez  
Já descendes de heroes! Tuas altas proezas  
São imãs, no valor, de Ourique e Val-do-Vez!» —





À minha gentil amiguinha  
Candida Pinto

X

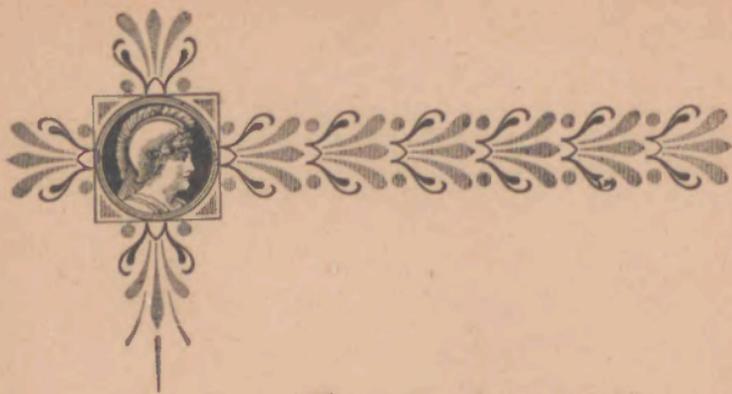
---

Que póde dar-te um poeta  
Mais pobre do que um asceta  
Se mais que versos não tem?  
Dá-te versos, muitos versos,  
Suspiros que vão dispersos  
Por esses mundos além.

Candida — é a luz da aurora  
Que doira pela terra fóra  
As madresilvas e as rosas;  
E é candida a bonina  
Que esmalta a larga campina  
Beijada por mariposas;

Candida és tu — minha flôr —  
Que inda não sabes se é dôr  
Que te reserva o porvir,  
E que n'um doce regaço  
Deitada em materno braço  
Não sabes mais que sorrir;

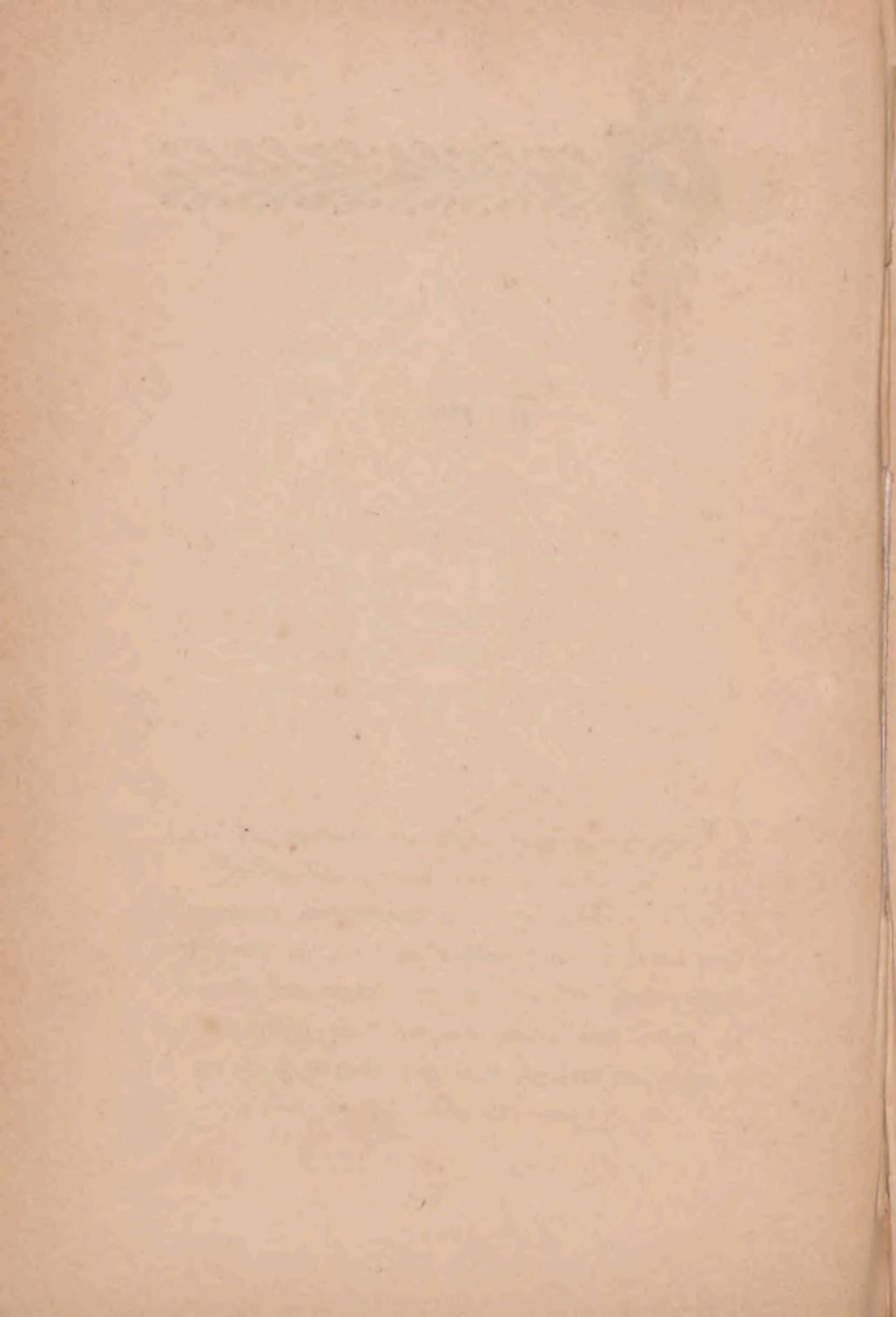
Se é vate todo o poeta;  
Se é fiel a voz secreta  
Que me murmura, baixinha,  
Teu nome que diz candura,  
— Deves ter muita ventura  
Minha gentil amiguinha. —

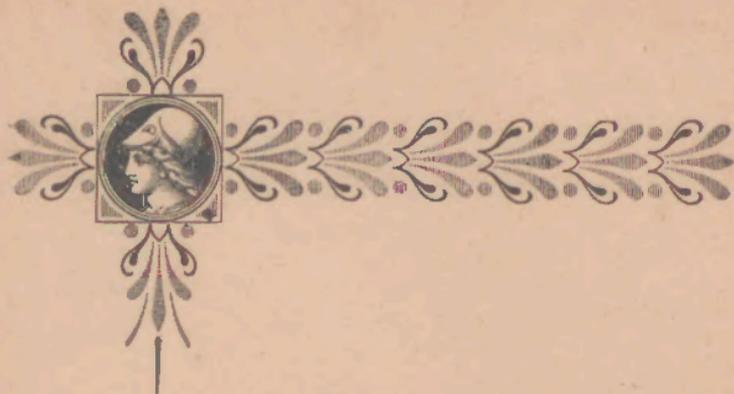


Teu seio nú

---

Os perfumes que exhala em magicos effluvios  
Teu bello seio nú, d'um branco alabastrino,  
Têm mais poder em mim que vinhos capitosos,  
Que Kerman, ou Absintho, ou Rosa, ou Maraschino.  
Não podem embriagar-me os vinhos em diluvios,  
Ou taças sem contar d'algum licôr divino,  
Com a embriaguez fatal dos cheiros preciosos  
Que tem teu seio nú d'um branco alabastrino!



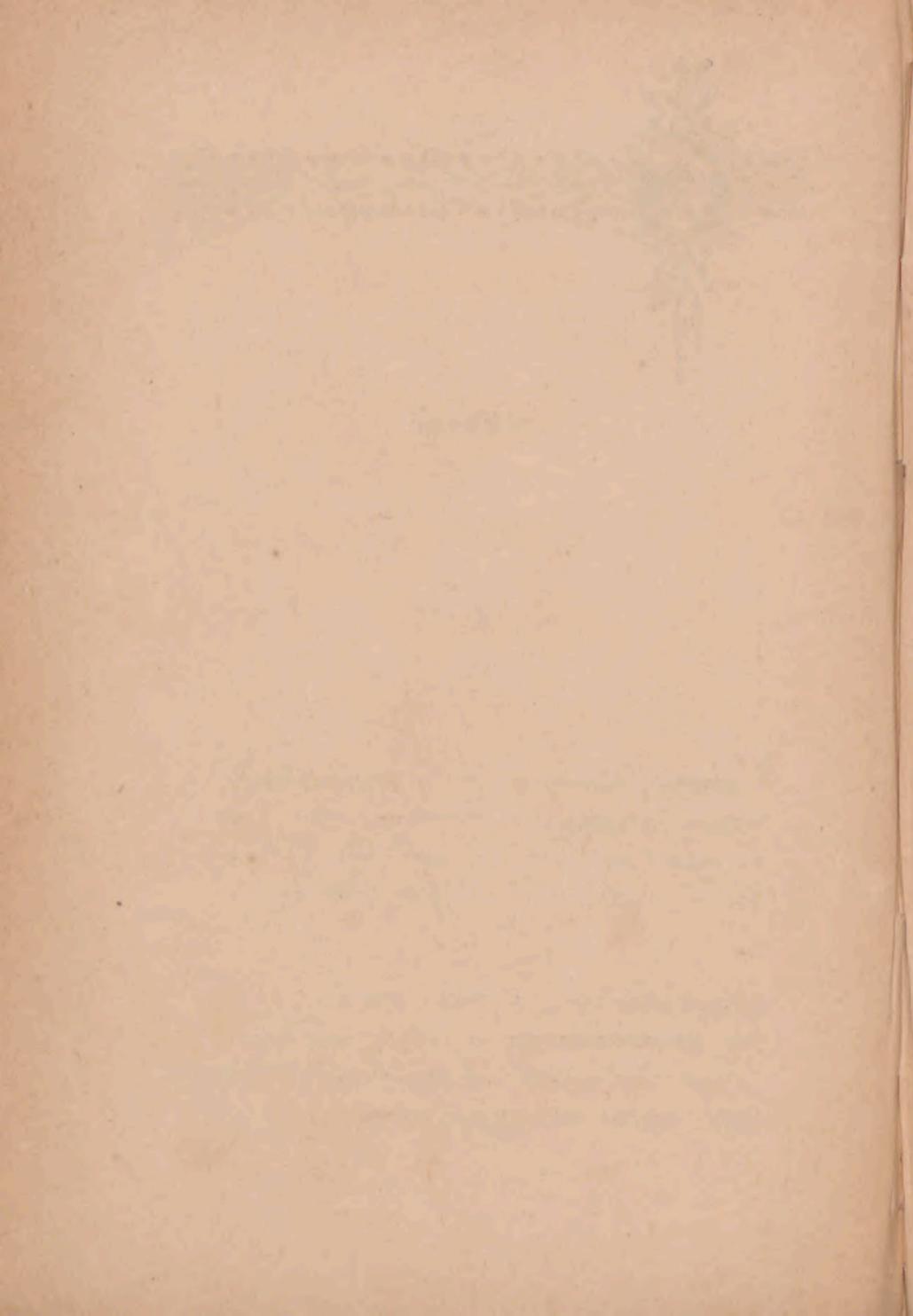


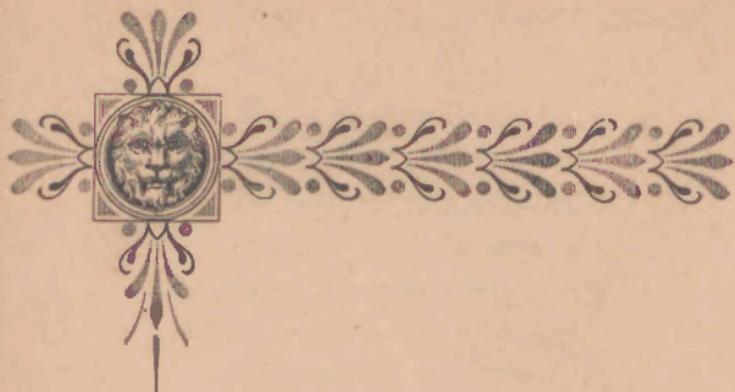
## Mulheres

---

Creaturas gentis que sois os meus peccados!  
Sublimes concepções do Deus que creio e amo!  
Ao vosso fragil sexo eu quero tanto e tanto  
Que, se o deixasse a lei, seria tetragamo.

E contra isto vejo a unica objecção  
Que Schopenhauer viu, o grande pessimista.  
—Quatro sogras ganhar,—desgraça em quintessencia!—  
Quatro harpias ter expostas sempre á vista!—





## O Poeta

---

O poeta não tem ventura.  
Canta a suprema doçura  
D'uns olhos de mulher pura;  
Canta o sol, canta as estrellas  
Em estrophes primorosas,  
As opulencias faustosas  
Que trajam fragrantas rosas  
E as margaritas singelas;

Canta, enfim, toda a belleza  
Do cofre da Natureza,  
A açucena que é pureza  
E a urze secca do monte;  
Traduz a dôr, lê nos prantos  
E decifra os ledos cantos  
Das aves cheias de encantos,  
E o rumor brando da fonte;

Evoca o grande Passado,  
Que, entre ruínas prostrado,  
Por todos tão desprezado,  
Revive para elle só;  
E, sob as velhas arcadas,  
Ouve os psalmos e as passadas  
Solemnes, cadenciadas,  
Dos monges feitos em pó;

Vê em visão fugitiva  
Que, por paixão muito viva,  
Na alta janella em ogiva  
D'algum castello roqueiro,

A castellã beija o pagem ;  
E na torre de menagem  
Vê surgir a ferrea imagem  
De espadaúdo guerreiro ;

E, se de antigo combate  
Pisa o campo, sente, o vate,  
Ranger d'armas e o embate  
Da espada contra o elmo ;  
E na trança perfumada  
Da linda mulher amada,  
Entre todas adorada,  
Julga ter o seu santelmo ;

Empunha o plectro que fira  
As cordas de oiro da lyra  
Que maviosa suspira  
Fagueiras canções d'amor ;  
Mas um dia — ó sorte dura !—  
Passa da luz á negrura,  
Resvala na sepultura  
De sobre um leito de dôr.

.....

E na campa abandonada  
Vão pôr-lhe a lyra quebrada!...

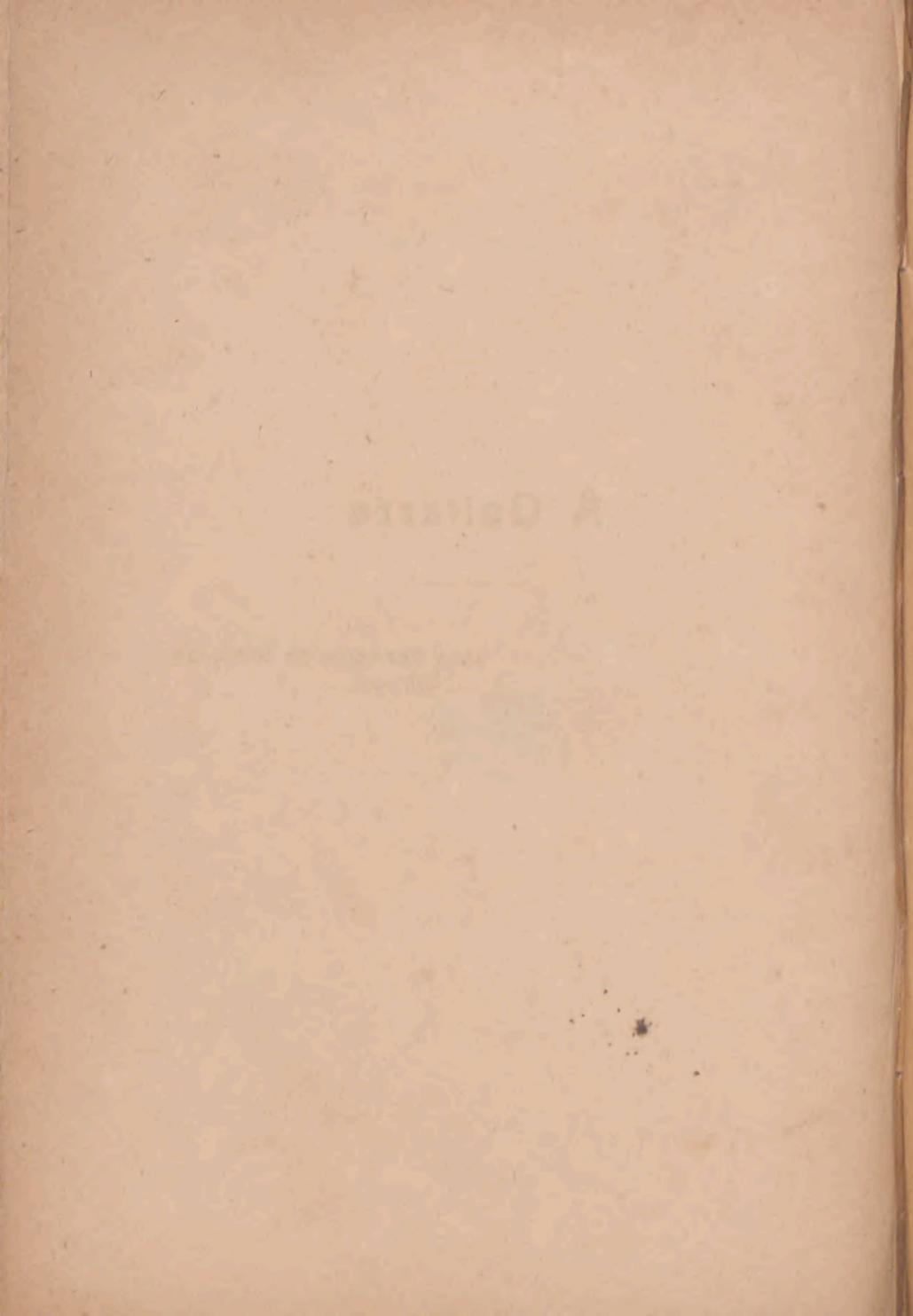
.....

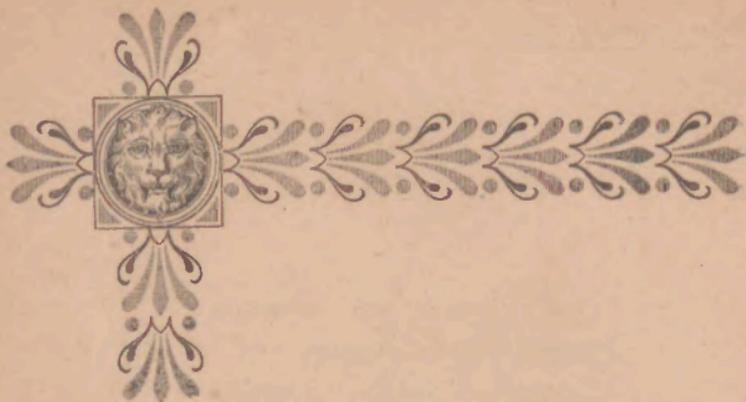


# À Guitarra

---

(Aos bohémios de todos os  
tempos)





I

Mal te vêr e após perder-te,  
Melhor me fôra morrer;  
Que perder-te quasi ao vêr-te  
Mais valêra não te vêr!

II

Ao romper da madrugada  
Tudo é carmim nos céus,  
Roubado pela Alvorada  
Ao carmim dos labios teus.

III

Nas nossas boccas vermelhas  
Estalam as gargalhadas,  
— São as tristezas do peito  
Que nos saem mascaradas. —

IV—V

Pudesse córar-te a fronte  
Ardente beijo dos meus . . .  
— Aos beijos do sol nascente  
Tambem se córam os céus. —

\*

E cheia assim de rubor  
Tua fronte scismadora  
Pareceria mais linda  
Tingida da côr da aurora.

VI

Tem o céu milhões d'estrellas,  
Milhões de lyrios os valles;  
Não te eguala qualquer d'ellas,  
Nenhum vale o que tu vales.

VII

O manto dos teus cabellos  
É de fios de luar,  
Tecido por mãos de fada  
N'algum doirado tear.

VIII

Os fios do teu cabelo  
São da treva mais cerrada,  
Fiados por mãos de virgem  
N'alguma roca doirada.

IX

A nuvem que nos esconde  
A face branca da lua,  
Se brando vento a dissipa  
Recorda-me a afeição tua.

X

Na vasa d'um atoleiro  
A alvura do nenuphar  
É qual retrato da Virgem  
Pendente n'um lupanar.

XI

Descubro estrellas no céu,  
Vélas descubro no mar,  
Sem a luz d'esse olhar teu,  
Sem a altivez d'esse olhar.

XII

Fôsse eu a doirada abelha,  
Fôsse a louca mariposa,  
—Que a tua bocca vermelha  
Não trocára pela rosa.—

XIII—XVII

Que estrella para meu norte,  
Que graça no seu andar,  
Que magestade no porte,  
Que seducção no fallar!

\*

Que noite nos seus cabellos,  
Que de promessas no olhar,  
—Quem tivêra sonhos bellos  
Que noite para os sonhar!—

\*

Que bocca cheia de rosas,  
Que dentes vindos de Ophir,  
Que lindas faces mimosas,  
Que meiguice no sorrir!

\*

Que cintura vaporosa,  
Que seio turgido a arfar,  
Que mão tão breve e formosa,  
Que collo de nenuphar!

\*

Que conjuncto para amar-se!  
Que graça, que perfeição!  
Que mulher para adorar-se  
Se tivesse coração!

XVIII

Se algum dia o teu olhar  
Perdesse a côr da traição,  
N'elle pudéra encontrar  
O meu pobre coração.

XIX

A cotovia faz ninho  
No segredo dos trigaes  
E a tua imagem se esconde  
Dentro dos meus madrigaes.

XX

Os olhos da minha amada  
São dois astros a brilhar,  
Nas noites da lua nova  
Não me faz falta o luar.

XXI

Beija mil serras distantes  
O luar que vem dos céus  
Beija tambem mil amantes  
O brilhar dos olhos teus.

XXII—XXIII

Quando te faça chorar,  
Condemna-me ao pelourinho  
D'esse teu corpo d'arminho  
E lá, deixa-me expirar.

\*

D'amargo pranto banhado,  
Seja o teu rosto divino  
Lindo cartaz de Paschino  
Onde o meu crime narrado.

XXIV

Quem me dêra ficar preso  
Nas voltas dos teus abraços,  
Arrastar vida de escravo  
Nas cadeias dos teus braços.

XXV—XXXIII

— Porque tens tanto desdem  
Quando fitas por favor  
Esses teus olhos tão lindos  
Nos meus tão cheios d'amor?—

\*

Se tens o nacar dos labios,  
Se tens os jaspes do collo  
Que fazem morrer de inveja  
As brancas neves do pólo;

\*

Se tens as rosas vermelhas  
Das tuas faces mimosas  
Que fazem quasi esquecer  
Que têm abrolhos as rosas;

\*

Se tens diamantes negros  
Nos olhos que Deus te deu,  
Nos olhos que eu não trocára  
Por mil estrellas do céu;

\*

Se tens o carmim da bocca  
Onde se aninha o desejo,  
E o halito perfumado  
Que embriaga n'um só beijo;

\*

Se tens dentes que são perolas  
Em duas ricas fiadas  
Como não, ha em Ceylão  
Outras mais orientadas ;

\*

Se tens os cabellos d'ebano  
Que voam n'um turbilhão,  
Que têm por força cilada  
Que são da côr da traição ;

\*

Se tens a pureza grega  
Das fórmias esculpturaes,  
Como nunca no alabastro  
Rasguem cinzeis ideaes ;

\*

Se joias tão preciosas  
Realçam tanta belleza:  
—Eu sou poeta—mulher—  
Ainda te excedo em riqueza!—

XXXIV

Lua cheia! lua cheia!  
—Celestial lampadario!—  
Tu fazes lembrar a hostia  
Que se guarda no sacrario.

XXXV

Lilazes tens no teu peito,  
Eu no meu só tenho dôres;  
—Vem desfolhal-os na campa  
Dos nossos mortos amores.

XXXVI

No bandolim da minh'alma  
Senti cordas estalar  
Ao beijal-as o calor  
D'esse sol do teu olhar.

XXXVII

(Durante o eclipse do sol de 1900)

O sol entrou na agonia,  
Vae-se apagando nos céus . . .  
—Que me importa a luz do dia  
Se tenho a dos olhos teus?—

XXXVIII

Saudades — são amarguras,  
São espinhos cruciantes,  
São as espadas que varam  
Os corações dos amantes.

XXXIX

Se os fios do teu cabelo  
São por si algemas duras,  
—Como livrar-me da trança  
Tão farta em que me seguras? —

XL — XLI

A tua bocca mimosa  
Tem sorrisos de crystal,  
Tem dentes feitos d'aljofres  
Labios feitos de coral.

\*

Mas apesar de tão linda  
Fujo d'ella quando a vejo,  
Pois tem veneno que mata  
E não se sente no beijo.

XLII

Galopa a nuvem doirada  
No azul do firmamento,  
Como em teu corpo de fada  
Galopa o meu pensamento.

XLIII—XLVII

Vergado ao peso bemdito  
Do lenho dos teus amores  
Vou chegando em meu Calvario  
Ao fim da via das dôres.

\*

No jaspe d'esses teus braços  
Abre-me, enfim, uma cruz,  
E crucifica-me n'ella  
Qual fizeram a Jesus.

\*

As chagas tenho-as no lado  
Rasgadas por dois punhaes,  
Pelos punhaes dos teus olhos  
Que rasgam chagas fataes.

\*

Tenho o escarneo no teu riso,  
Nos teus labios a agra esponja,  
E o meu sudario de morte  
N'essa brancura de monja.

\*

E no fim do sacrificio,  
Quando agonise na cruz,  
Fica-me a luz dos teus olhos...  
...P'ra pôr meus olhos sem luz...

VLXIII

Se és rica, nem tenho geito  
P'ra guardar os teus milhões,  
Só tenho o cofre do peito  
E n'elle guardo as paixões.

XLIX

(N o leque)

Um negro olhar de mulher  
Emboscado atraz d'um leque,  
Se escravos nos não fizer  
Faz sempre que a gente peque.

L—LIII

Levantei dentro do peito,  
Quando te vi, um altar  
De luz e perfumes feito  
E da côr do nenuphar.

\*

Puz sobre elle a tua Imagem,  
—Que formosa divindade!—  
E prestava-te a homenagem  
Da minha ardente piedade.

\*

.....

O altar ainda é tal qual,  
E a Imagem lá se adora,  
Só tem a mais o missal  
Das nossas cartas d'outr'ora.

\*

E nos degraus, prosternada,  
Cheia d'extranho fervor,  
Jaz a minh'alma enlevada  
Nas doces preces do amor.

LIV

Maria deixou de amar-te,  
—Eis o teu sonho desfeito!—  
Chora, chora coração  
Estala dentro do peito.

LV

(Na haste d'uma rosa)

Vae a rosa perfumada,  
Rainha excelsa das flôres,  
Levar á minha adorada  
O preto dos meus amores.

LVI

As tuas longas pestanas  
São quaes punhaes de setim,  
Que sinto quando me fitas  
Logo cravarem-se em mim.

LVII—LVIII

Os dois sóes do teu olhar  
— Morena dos meus anhélos—  
São negros sóes a brilhar  
Na noite dos teus cabellos.

\*

N'essa noite tão escura  
Sem norte algum me guiar,  
À procura da ventura  
Quizêra sempre vagar.

LIX

Amei-te cheio de fé...  
E que tremenda agonia  
Quando esmagaste, n'um dia,  
Meu coração com teu pé!

LX—LXXI

Esculpi a tua imagem  
Na proa do meu batel,  
Ella marca na viagem  
A derrota do baixel.

\*

Se, rija, a nortada geme,  
Em noites de temporal,  
Vou navegando sem leme  
Tendo a ella por fanal.

\*

E se o velho mar se irrita  
Levantado em vagalhões,  
Rezo á imagem bemdita  
Fervorosas orações;

\*

«Que me guie na procella ;  
Que me livre do escarcéu ;  
Já que não fulge outra estrella  
Nas tintas negras do céu ;

\*

Que me dê porto seguro  
Dentro do seu coração...»  
E, sem leme, me aventuro  
No mar largo da Illusão.

.....

\*

Navegando, navegando,  
Os olhos postos nos seus,  
Adormeci, adorando  
Nos meus sonhos, ella e Deus.

\*

Nas ondas negras, revoltas,  
—Mercê do meu sonho bello—  
Julguei vêr madeixas soltas  
Do seu formoso cabelo.

★

E julguei singrar no pólo,  
Vêr a aurora boreal,  
Ao lembrar seu niveo collo  
E a boquinha de coral.

\*

E sonhei que naufragava  
N'um baixio traiçoeiro  
Onde o mar despedaçava  
O meu bergantim ligeiro.

\*

Nafragára, e fui tomado  
Nos braços d'uma sereia;  
Tinha o teu rosto adorado . . .  
Enganou-me . . . e então beijei-a . . .

\*

Mas que tremendo castigo  
Me guardava a dura sorte!  
—Parecendo-se contigo  
Tinha a frieza da Morte . . .

\*

. . . Ainda meus labios géla  
Beijo d'um frio cruel . . .  
.....  
Ah! beijava a imagem d'ella  
Na prôa do meu batel! . . .

LXXII

É um eserinio a minha alma  
Onde guardo os teus olhares,  
Que são brandos como a calma,  
Que são fundos como os mares.

LXXIII

Nos abysmos do teu seio  
De peregrina brancura  
Eu cahira sem receio,  
Eu quizera sepultura.

LXXIV

Ha dynamite encoberta  
No carmim dos labios teus  
Para a descarga ser certa  
Falta-lhe o fogo dos meus.

LXXV

— Rapazes — quando eu morrer,  
Levantae-me um mausoléu,  
Até á curva do céu,  
De corações de mulher!



Verbenas





## Vogando

---

Vélas pandas, sulca o mar  
Uma barquinha ligeira.  
Vae ao leme a timoneira,  
Sem os ventos consultar;

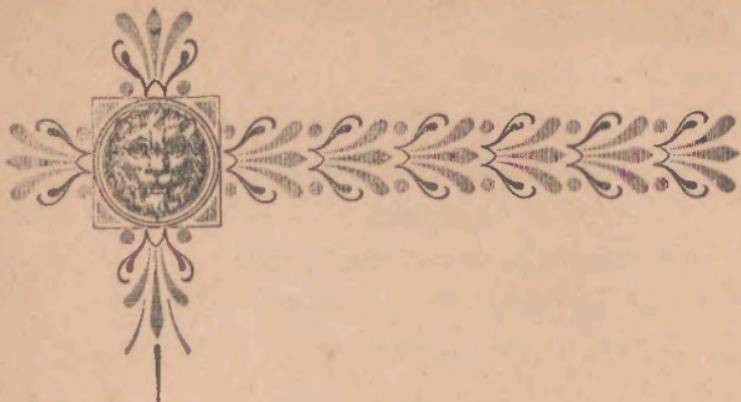
E sem volver seu olhar  
Para a bruma traçoeira,  
Pois tem confiança inteira  
Na agulha de marear.

.....

A bussola é teu sorriso,  
E tu és a timoneira  
Que levas ao Paraíso.

A barca, essa, é a minh'alma,  
E o mar onde a barca esteira  
É o Mar da Vida sem calma.





## Conto singelo

---

### I

Entre as moças nubis da sua aldeia,  
Aldeia pittoresca  
Que dava largo assumpto a cem pinceis,  
E que repousa em cama de vergeis  
Em cama principesca

Nas verdejantes margens lá d'um rio,  
D'um rio mui caudal  
Que nasce em longe serra entre mil fraguas  
D'onde descem mugindo as suas aguas  
As aguas de crystal

Que se juntam depois em duro leito  
Em leito de granito,  
Maria era entre todas mais galante  
E era seu meigo rosto insinuante  
O rosto mais bonito.

Uma tarde estival, ao pé da fonte,  
Fonte que reflectia  
Curta parcella azul do céu distante,  
Fallára-lhe d'amor moço elegante  
Um moço que dizia:

—«És um anjo, Maria, e és tão linda  
Tão linda e tão gentil,  
Que eu desejava ter-te pôr esposa,  
Mulher, que entre as mulher's és mais formosa,  
Mais formosa e gracil»—.

E as fallas amorosas d'esse joven  
Do joven namorado  
Casavam-se ao murmurio da agua pura  
Que a fonte espalhava entre a verdura  
A verdura do prado.

Cantavam rouxinoes nas cômas densas  
Das densas ramarias,  
E o som d'um sino os echos acordava  
Chamando á oração, poisque tocava,  
Tocava a *Avé Marias*.

II

Na ermida muito branca havia festa  
E festa de noivado,  
Que annunciava, em tom enternecido,  
O sino que vibrava n'um sonido,  
Sonido prolongado.

Sonido que invadia o pobre templo  
O templo tão singelo,  
Beijando, de Maria, as ondas d'oiro  
Em que brilhava o doce manto loiro  
Do seu loiro cabelo.

E segredava votos de ventura  
De ventura infinda,  
Aquella que estimava dês menina,  
Quando fôra ao baptismo, pequenina,  
Tão pequenina ainda,

Nos braços carinhosos de seu pae  
Do pae que lhe morrêra;  
E que vinha a saudar no seu noivado,  
Sob o arco-cruzeiro engrinaldado  
Engrinaldado de hera.

Findára a cerimonia do enlace  
Enlace auspicioso;  
Pelos caminhos petalas de rosas  
Vinham cobrir em nuvens olorosas,  
Cobrir o par ditoso.

Flammejava, no anil, o augusto sol  
O sol que é rei dos céus,  
E derramava sobre os bêm-çasados  
Bençãos e parabens, talvez mandados  
Mandados p'lo bom Deus.

III

Viéra, a Morte, sorrisos transformar  
Transformal'-os em ais,  
E rasgando a corôa d'esses noivos,  
Rosas, galas, mudára em lucto e em goivos,  
Tristes goivos feraes!

Do consorcio recente, fôra ephémera  
Fôra ephémera a dita,  
E a vida que lhes era deleitosa  
Tornára-se-lhes via dolorosa  
E via de desdita.

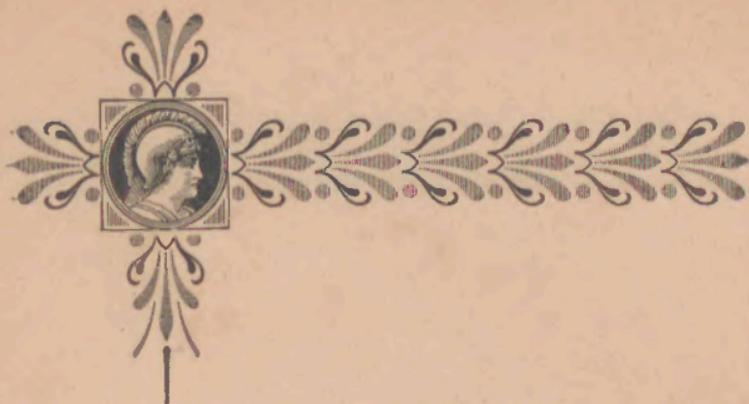
Quando offertava um anjo a este mundo  
Ao mundo tormentoso,  
Voára para o céu a alma de Maria,  
Para a mansão onde ha perenne dia  
E onde ha perenne goso.

E ao ver passar a morta pela ermida  
Ermida dealbante,  
O sino estende a voz por todo o prado,  
Em enorme soluço, em triste brado,  
Em brado altisonante.

E das cavernas bronzeadas do seu peito  
Do seu peito herculeo,  
São-lhe um gemido longo, doloroso,  
Como o do torturado em temeroso  
Em temeroso eculeo.

Um gemido que esvoaça na campina  
Sobre a campina em flôr,  
E que, envolvendo a campa de Maria  
Em curta prece, em prece d'agonia  
D'agonia e de dôr,

Fugindo, vae morrer lá muito ao longe,  
Ao longe, no horizonte,  
Qual avesinha frida em descampado  
Que escolhe p'ra morrer sitio afastado  
N'um afastado monte .

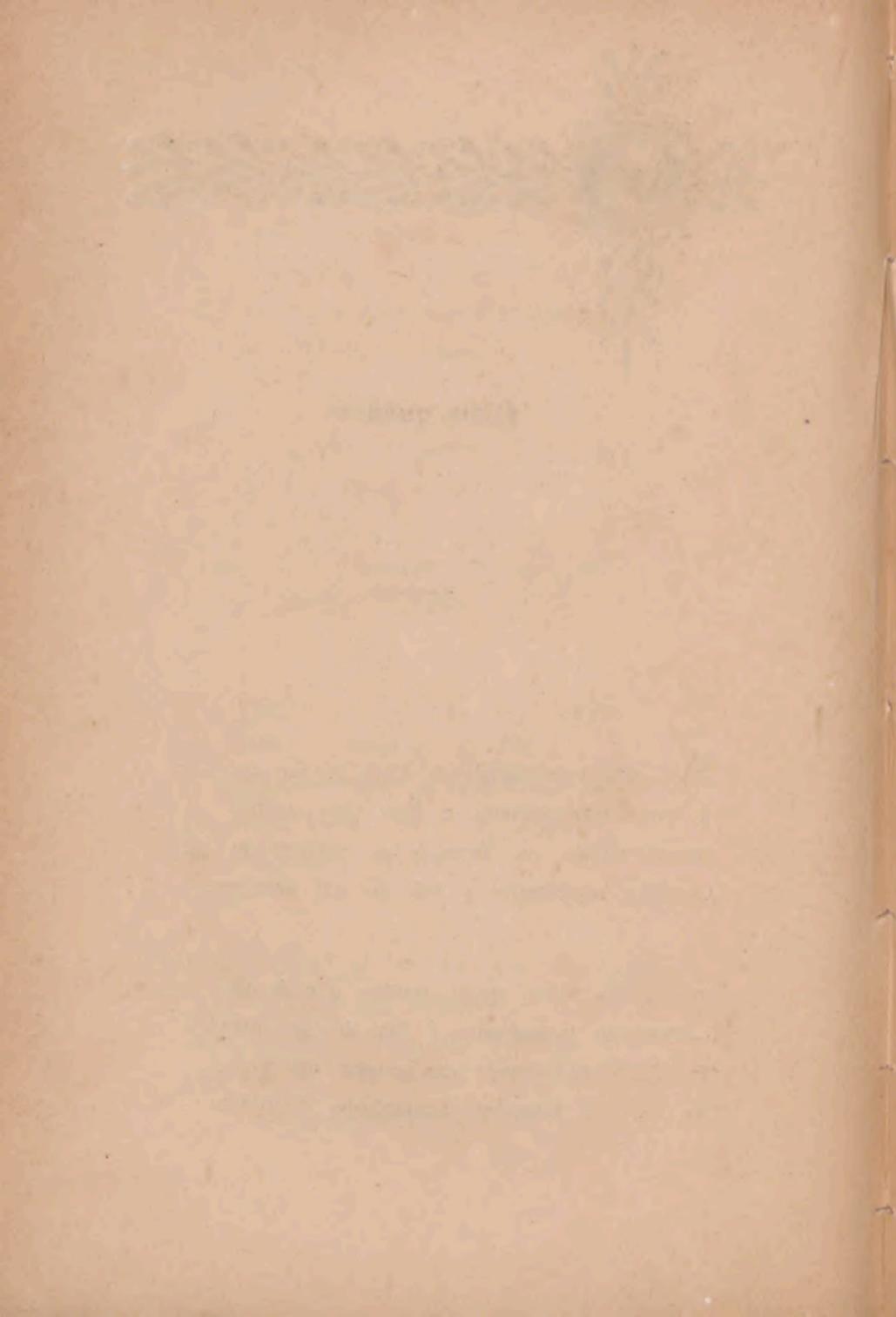


Duas quadras

---

A onda vae beijar, de leve, a penedia  
Á luz ensanguentada e doce do poente,  
Depois beija-a na treva, e ao romper do dia  
Oscula-a novamente á luz do sol nascente.

Queria um Fado igual, mulher que és tão formosa!  
— Beijar-te longamente á luz do teu olhar,  
E depois d'oscular-te em campa tenebrosa,  
No val' de Josaphat, beijando-te, acordar! —





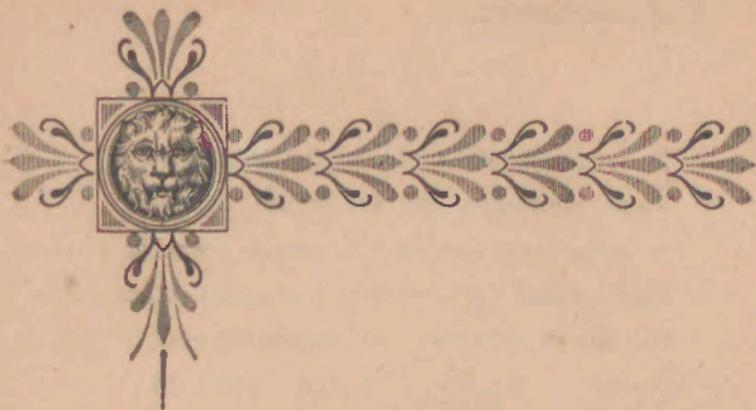
O teu olhar

---

Se eu fôra Satanaz  
Alugaria  
Teu olhar divinal,  
E ganharia  
Mil almas para o Mal.

E eis como sendo paz  
E amor mui terno  
A luz d'esse olhar teu,  
Nos dava inferno  
Podendo dar-nos céu.





O sonho da duqueza

Na rica *chaise-longue* em seda cõr de céu,  
Que esconde da poeira um transparente véu,  
Repousa, adormecida, em languida molleza,  
—O corpo semi-nú, gentil— a gran-duqueza.  
Fugira, estonteada, ao brilho dos salões  
Depois de avassallar, aos mil, os corações,  
De escutar a lisonja, a myrrha derramada  
Em thuribulos d'oiro aos pés d'aquella fada,

E longe já da côrte e dos aduladores  
 Viera adormecer no seu ninho d'amores.  
 A porta mal cerrada ás doces melodias  
 Que vinham dos salões em ondas d'harmonias  
 Deixava-as penetrar na camara doirada,  
 Corrido o reposteiro, a téla assetinada  
 Onde era desenhada a c'rôa gran-ducal;  
 E vinham a quebrar nos moveis de nopal,  
 E vinham a morrer entre as tapeçarias,  
 Nas alfaias com oiro e ricas pedrarias,  
 No sandalo do leito, em velludo e brocados,  
 Na alcatifa do chão, no tecto entre os dourados.

... ..

E sobre a *chaise-longue* occulta por um véu,  
 Mais bella que as houris do musulmano céu,  
 — O corpo semi-nú, gentil — a gran-duqueza  
 Repousa, adormecida, em languida molleza.  
 Pende-lhe ao desamparo um braço esculptural,  
 E o outro faz moldura ao rosto divinal  
 Perdido entre o cabello em fulvas ondas solto  
 Cahindo em desalinho após o braço envolto.  
 O bello seio roseo, erecto, perfumado,  
 Das rendas de Malines emerge desnudado,  
 E cingem-lhe a garganta, em voltas apertadas,

Mil perolas d'Ophir, das mais orientadas.  
A saia de setim, um pouco levantada,  
Deixa vêr o começo da perna bem talhada  
Calçada em fina meia, e o lindo pé tão breve  
Mettido n'um chapim da côr da branca neve.

.....

Agitou-se de leve a deusa de belleza!  
É com amor, talvez, que sonha a gran-duqueza,  
Abrindo n'um sorriso os labios carminados,  
Uns labios de setim, de rosa, avelludados.  
Arfa-lhe em doce rythmo o collo d'alabastro,  
Como o tremeluzir d'um luminoso astro,  
E mostra longamente os dentes de marfim,  
E as sobranceilhas move, — uns traços de nankim.  
Instantaneo tremor percorre a jaspea tez  
Da celestial mulher. Vae despertar talvez . . .  
Não! Eil-a que recahe na languida molleza.  
Mas com que sonhará a bella gran-duqueza?

.....

Resôa o corredor sob um passo apressado . . .  
Ondula o reposteiro e em tom mui delicado,  
Na doce commoção de quem falla em segredo,  
Ouviu-se terna voz dizer como que a medo:

—«Senhora, desculpae; permite Vossa Alteza? . . .»—

—«Ah! entrae meu senhor—responde a gran-duqueza,

Já sonhava comvosco, esposo bem amado!»—

E o gran-duque cahiu-lhe aos pés ajoelhado . . .

.....

.....

Na rica *chaise-longue*, em sêda côr de céu,  
Que esconde da poeira um transparente véu,  
Repousa, adormecida, em languida molleza,  
— O corpo semi-nú, gentil — a gran-duqueza!





## Chiméra

---

Onde vaes doidejando oh! casta mariposa,  
Nas azas da procella, ao caprichar do vento,  
Pelo espaço, veloz, qual mesmo pensamento  
Furtando, fugitiva, um beijo a cada rosa?

Profanar tanta flôr que a vicejar mimosa  
Perfuma o largo valle, é bem maldoso intento!  
Deixa-me aprisionar-te um só, curto momento  
Que outra flôr te darei de todas mais formosa.

É seu véro retrato a mais brilhante estrella  
Que altiva tremeluz na vastidão do empyreo ;  
Mais pura é que a cecem e como um anjo é bella.

Vae! Poisa-lhe na fronte e diz-lhe o meu martyrio,  
Mas deixa-me escrever-te, e leva-lh'as a Ella,  
Mil confissões d'amor, nas azas côr de lyrio!





Na morte d'um poeta.

X

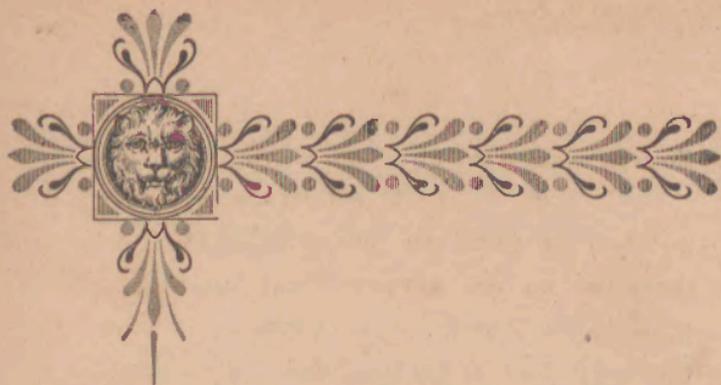
---

Cahiste, luctador, na lucta pela vida,  
N'essa lucta sem par que mata as gerações;  
Baixou teu corpo inerte á ultima jazida  
Mas ficará teu nome em nossos corações.

O pranto da familia e as preces fervorosas,  
Não lograram chegar a Deus, no alto céu,  
E partidas da lyra as cordas sonoras  
Transpozeste os umbraes do branco mausoléu!

Do Anjo do Exterminio, a aza tudo abate!  
Roçou-te a larga fronte e matou-te o ideal!  
Mas, mentira, illusão! Tu não morreste, vate,  
Porque o poeta é a alma, e a alma é immortal!





## Dilúculo

Já vae a purpurear-se o lusco-fusco ingente  
Que dá uns vagos tons a quanto a vista abrange.  
No humilde campanario o sino inda não tange,  
Chamando ao labutar o lavrador dormente.

Silencio sepulcral — estranha convenção ! —  
Precede o levantar do rei do firmamento.  
Por tacito convenio até o mesmo vento,  
De furacão mudado em branda viração,  
Oscula sem barulho a rosa e o jasmim.

Começa a apothéose!

O sol nasceu enfim!

No meio de rubis, em aureo palanquim,  
Destaca-se no céu sob um docel sangrento,  
Fazendo-nos lembrar obeso mandarim  
Que ao culto de Confucio acorre pressureto.

E em recta colossal para Hercules distante,  
Dando calor e luz, sempre seguindo vae  
O refulgente sol que um dia Tycho-Brahe  
Poz a girar no azul, satellite brilhante,  
Em volta da mãe Terra, ao centro de planetas,  
N'um foco da ellipse incerta dos cometas.

Copernico, porém, sondára a Natureza  
E desvendando, enfim, mysterios escondidos,  
Contrarios á illusão, á crença dos sentidos,  
Já tinha garantido á victima indefeza  
De Ptolomeu e Tycho, o pão de cada dia,  
Levantando um systema em calculos fieis  
Que o *Index* taxou de heretica utopia  
E que Kepler dotou com soberanas leis:

— E em posição feliz na astral sociedade  
Vae-se fazendo velho o rei da Immensidade! —

Finalmente; a manhã ha muito ia rompendo  
E a Boeira, de zêlo, ia empallidecendo.

O *Angelus* vibrando, em tremulos queixumes,  
Fôra quebrar o somno aos echos indiscretos,  
Que fazem acordar alcantilados cumes,  
E ao fundo da quebrada os valles mais secretos.

Nas franças do arvoredô a alegre passarada  
Entôa ao desafio, em cantos afinados,  
Festivas saudações á loira Madrugada  
Que esconde o seu pudor em doces cortinados  
Feitos da luz da aurora e nevoa aurirosada.

O Iyrio debruçado em beiras de vallados  
Disputa a primazia ás vividas boninas  
Que esmaltam variamente o solo das campinas  
Que dão alegres tons ao verdejar dos prados.

Na augusta placidez do campo embalsamado  
Resôa meigamente a rythmica toada  
Com que gentil camponia em voz mui bem timbrada.  
Incita os mansos bois, á frente d'um arado.

E o sol vae caminhando em recta colossal  
A governar sereno a sociedade astral,  
Dos mundos sideraes, Rei, de luz coroado,  
Emquanto no arvoredos a alegre passarada  
Canta ao desafio e a rythmica toada  
Altera a placidez do campo embalsamado.





## Noite de luar

---

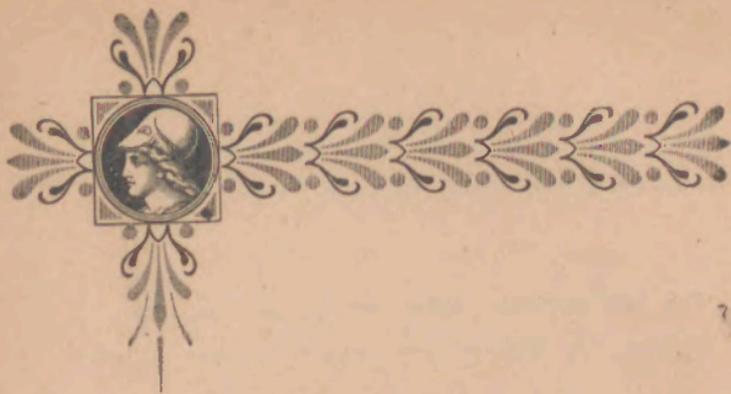
**N**a densa ramaria dos laranjaes em flôr  
Acouta-se medroso o alado bando errante.  
É branda a viração, e o bom luar brilhante  
Espalha doce luz de magico pallôr.

Nas solidões azues da abobada distante,  
Região do mysterio onde gravitam mundos  
Que continentes têm e mesmo oceanos fundos,  
Ha estrellas, ás mil, de brilho scintillante.

E a pastora gentil, a lua desnudada,  
Accendendo, ao passar, a terra já apagada,  
Envolve-as, cuidadosa, em seu formoso olhar.

E sem ter onde occulte o bello corpo seu,  
Percorre vagarosa as solidões do céu,  
Qual bella escrava núa exposta n'um bazar.





## A agonia do sol

---

Vae cobrir-se de treva a abobada infinita!  
D'horror, a Creação, soluça em voz afflicta!

O vento enraivecido, em uivos, esfusia,  
E no arvoredo geme em triste symphonia!

O sol vae a morrer, o doce sol radioso,  
Por mão d'ignoto algoz, de carrasco impiedoso.

E seu rosto afogueado esconde além da serra,  
Um derradeiro olhar volvendo sobre a terra.

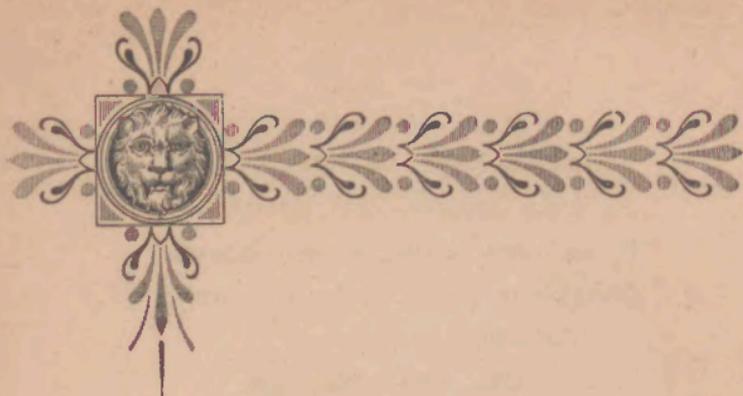
Um só momento passa em grande anciedade!  
Subito, um sangue vivo invade a immensidade!

Foi o golpe mortal, que o algoz mysterioso  
Vibrou no doce sol, no bello sol radioso! . . .

E a desolada noite, a noite tenebrosa  
Estende compassiva os crepes do seu manto  
Para occultar á terra a scena dolorosa.

É que o brilhante sol acaba de expirar,  
Arrojado ao abysmo, ao infinito mar!





O sino dos mortos

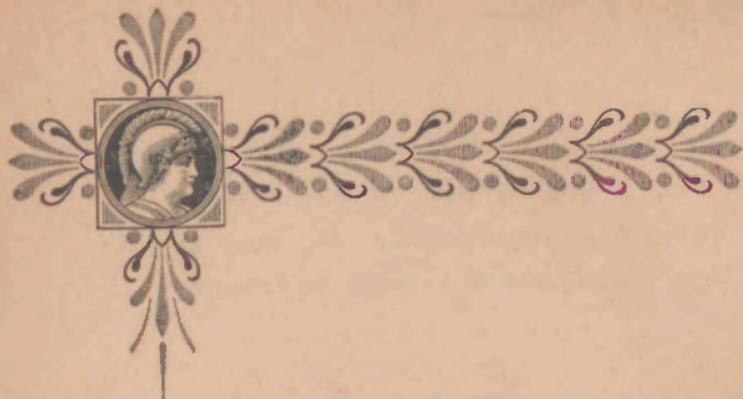
---

Noiva da campa, pallida e fria,  
Repousa a triste no seu caixão.  
Serena e calma como que ria  
Ao Deus bondoso em que tanto cria,  
E o sino toca:  
Dlin, dlin! Dlin, dlão!

No ataúde cheio de rosas,  
As mãos encruza com devoção,  
E em torno d'ella, vozes piedosas  
Murmuram preces mui fervorosas,  
Emquanto o sino :  
Dlin, dlin ! Dlin, dlão !

Padres diversos, soturnamente,  
Psalmeiam graves, em cantochão,  
Prostra-se o povo bem reverente  
E escuta o sino que em tom plangente,  
Gemendo toca :  
Dlin, dlin ! Dlin, dlão !

No cemiterio, todos, chorando,  
Desfolham flôres sobre o caixão,  
E á cova negra tudo lançando,  
Ouvem o sino que, soluçando,  
Ao longe dobra :  
Dlin, dlin ! Dlin, dlão !



## Trindades

No adro da ermida, a cruz, como um perdão,  
Os braços de granito estende sobre a terra.  
Vem a noite a descer. Do valle até á serra,  
Um lento badalar nos chama á oração.

Dos prados e do monte eleva-se a canção  
Que a Natureza envia ao Grande Creator,  
E o aldeão tradul'a em preces com fervor,  
Repasadas de fé, cheias de devoção.

A nuncia do bom tempo, a altívola andorinha,  
Risca o azul ethéreo em vôo derradeiro,  
E entre a cerrada moita, aos pios, agoureiro,  
Um noitibó saúda a noite tão visinha.

Desceu todo o pastor das altas cumiadas  
A recolher no aprisco as mansas ovelhinhas,  
E ao redor do lar, as velhas avósinhas  
Começam a fallar de mouras encantadas;

«D'um castello roqueiro olhando sobre o mar,  
Outr'ora pertencente a castellãos altivos  
Que fazem perder Naus, phantasmas redivivos,  
Uns fachos agitando em noites sem luar;

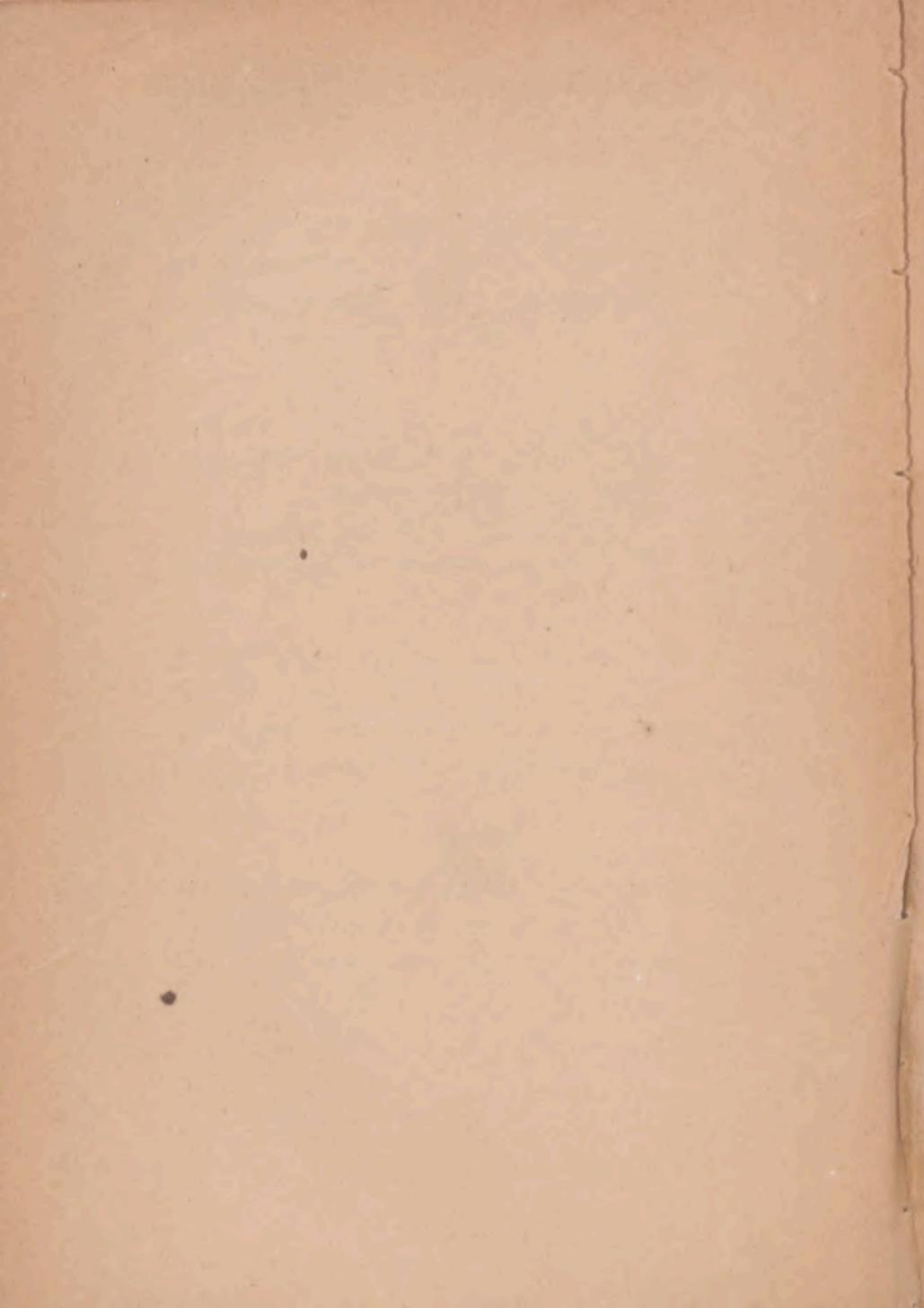
«Das sessões infernaes a que Satan preside,  
Sob a alta carvalheira, enorme, secular,  
Que marca exactamente o centro do logar,  
Mui perto do passal onde o prior reside.»

.....

O dobre triste e brando, haurido pelo vento,  
Fôra extinguir-se, ha muito, entre quebradas longes,  
Lembrando o psalmear soturno d'alguns monges  
A resoar na arcada escura d'um convento.

E quando, merencorea, a lua, já nos céus,  
Vencia lentamente os sideraes espaços,  
No adro da ermida, abria ainda os braços  
A cruz que sustentára, exangue, o Homem-Deus.



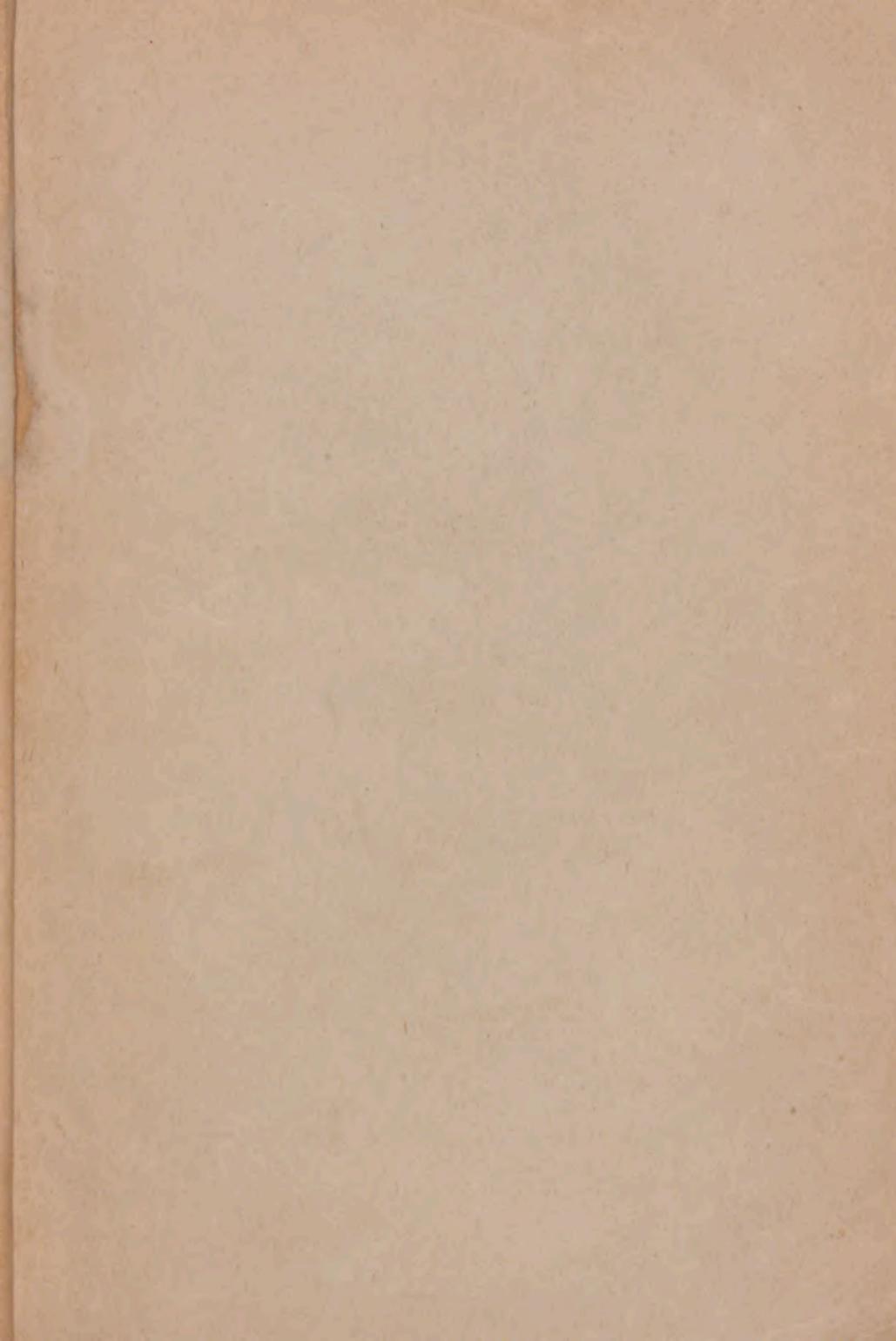




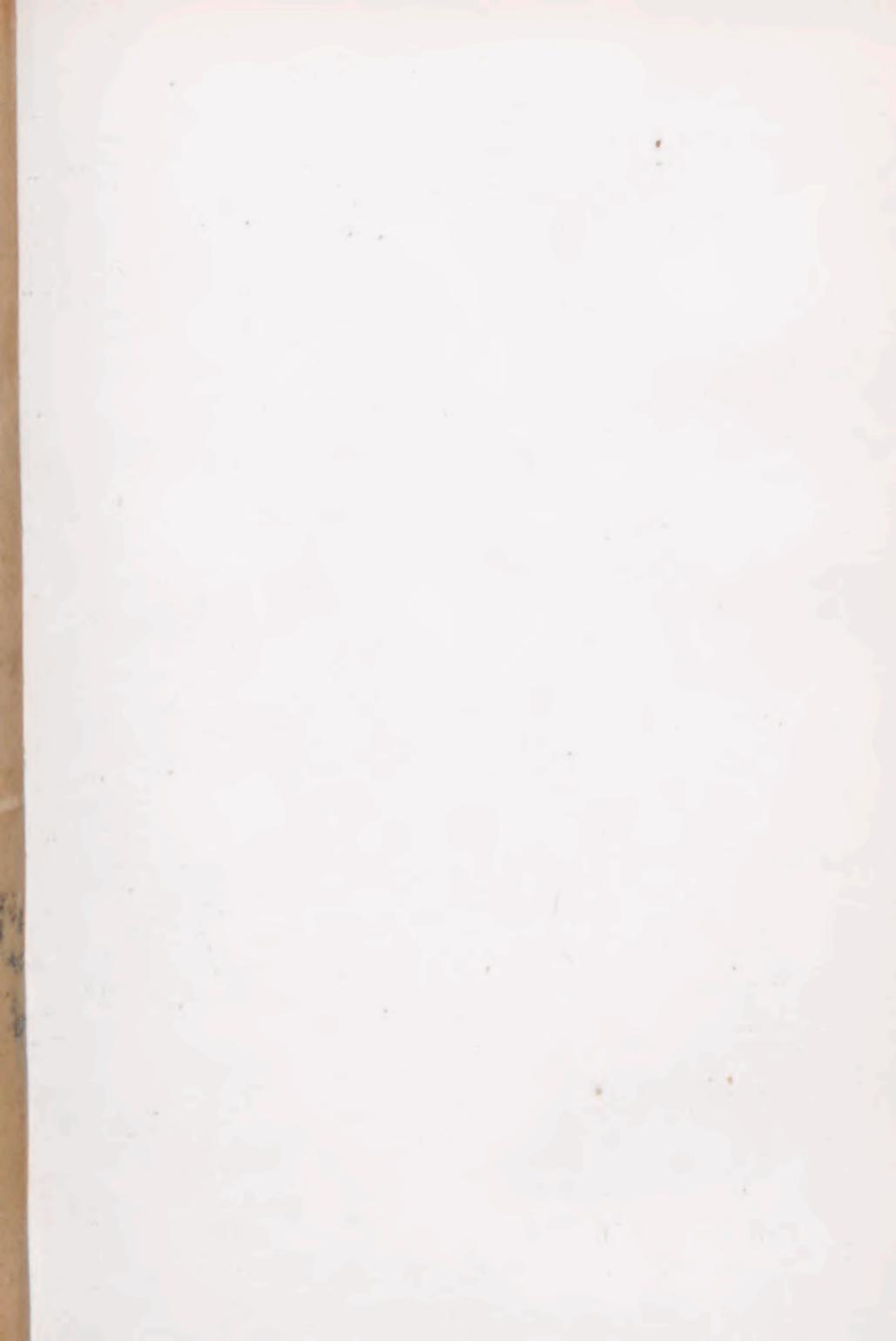
## INDICE

DUAS PALAVRAS.. ... ..	7
FOLHAS DO OUTONO:	
Aquarella ... ..	11
Eterno amor ... ..	13
Dia de finados.. ... ..	15
Scismando ... ..	17
Quinze quê? ... ..	21
Agua na fervura ... ..	23
Punhal hervado.. ... ..	25
Aos expedicionarios de Infantaria n.º 8 ... ..	27
Acrostico ... ..	31
Amor e odio ... ..	33

Salvè ... ..	35
À minha gentil amiguinha Candida Pinto.. ...	37
Teu seio nú ... ..	39
Mulheres ... ..	41
O Poeta ... ..	43
Á GUITARRA.. ... ..	49
VERBENAS :	
Vogando ... ..	77
Conto singelo ... ..	79
Duas quadras ... ..	85
O teu olhar ... ..	87
O sonho da duqueza ... ..	89
Chiméra. ... ..	93
Na morte d'um poeta ... ..	95
Dilúculo ... ..	97
Noite de luar ... ..	101
A agonia do sol ... ..	103
O sino dos mortos.. ... ..	105
Trindades ... ..	107











biblioteca  
municipal  
barcelos



5790

Folhas de Outono